

## AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N° 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail [recursoscontinuos@dirbi.ufu.br](mailto:recursoscontinuos@dirbi.ufu.br).

**JUSSARA VALÉRIA DE MIRANDA**

**MARIA LACERDA DE MOURA  
E A LUTA PELA EMANCIPAÇÃO FEMININA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
Centro de Documentação e Pesquisa em  
- História - CDHIS  
Campus São Mônica - Bloco 10 (Antigo Mineirão)  
Av. Universitária S/Nº  
Cep: 38400-912 - Uberlândia - M. G. - Brasil

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE HISTÓRIA**

2067  
5, 15  
(u)

**JUSSARA VALÉRIA DE MIRANDA**

**MARIA LACERDA DE MOURA  
E A LUTA PELA EMANCIPAÇÃO FEMININA**

**Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em História, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Christina da Silva Roquette Lopreato.**

**Uberlândia, Dezembro de 2003**

**JUSSARA VALÉRIA DE MIRANDA**

**MARIA LACERDA DE MOURA  
E A LUTA PELA EMANCIPAÇÃO FEMININA**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Christina da Silva Roquette Lopreato - Orientadora

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Jacy Alves de Seixas

---

Prof. Dr. Antônio de Almeida

**DEDICO ESTE TRABALHO A TODAS AS MULHERES QUE  
CONQUISTARAM E CONQUISTAM ESPAÇOS DENTRO DE  
SOCIEDADES LEGISLADAS, ADMINISTRADAS E JULGADAS POR  
HOMENS.**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço meu pai, minha irmã, meu irmão e minha mãe - que partiu deixando uma lacuna - pelo apoio e carinho. A busca pelo conhecimento foi, sem dúvida, decorrente do incentivo familiar. Esta família já produziu duas historiadoras: eu e minha irmã, Luciana - a quem devo muito.

Meus agradecimentos à minha orientadora Prof<sup>ª</sup>. Dr.<sup>a</sup> Christina Lopreato pela *paciência, sensibilidade, respeito e generosidade*.

Ao Prof. Dr. Antônio de Almeida e à Prof<sup>ª</sup>. Dr.<sup>a</sup> Jacy Alves de Seixas que aceitaram ler e avaliar este trabalho.

A todos os professores e professoras que trocaram conhecimento comigo e meus colegas, contribuindo para o nosso crescimento intelectual. Os debates dentro ou fora de sala de aula estimularam nossa caminhada.

Aos técnico-administrativos do Instituto de História, que tanto nos ajudaram.

Agradeço aos meus amigos Raphael Alberto, Jane Machado, Leandra Domingues, Renato Jales, Maria Abadia, Edeilson Matias e Rogério Cortez pelas discussões que travamos ao longo do curso. Vocês também foram meus professores.

Ao César Coelho pelos momentos compartilhados; ao Tadeu Pereira pela dedicação ao curso e amizade; e à Valeska pelos sorrisos contagiantes.

Aos companheiros de república que dividiram comigo despesas, alegrias e tristezas: *Vinicius, Glauber Rabelo, Glauber Luís e Fabiana*.

À FAPEMIG que financiou minha bolsa de iniciação científica por quase dois anos no projeto “Dicionário Histórico-Biográfico do(s) Anarquismo(s) no Brasil”.

Ao Centro de Cultura Social de São Paulo, que disponibilizou material para pesquisa. Aos funcionários do Arquivo Edgard Leuenroth (UNICAMP) e da Biblioteca Pública Municipal de São Paulo, pelo trabalho que desenvolvem.

A todos companheiros e companheiras de luta. O aprendizado adquirido no movimento estudantil foi, sem dúvida, um diferencial em minha formação acadêmica e pessoal.

“NÃO SEJAMOS MAÇONS, ATEUS OU LIVRES-PENSADORES DE FACHADA, DISCUTINDO PROBLEMAS TRANSCENDENTAIS APENAS DENTRO DAS “LOJAS”, E EDUCANDO (!) OS FILHOS NOS COLEGIOS DE PADRES OU FREIRAS, DEIXANDO QUE O CLERO TODO PODEROSO E ASTUTO SE APODERE DAS ALMAS, DA CONCIÊNCIA, DA DIGNIDADE HUMANA DAS MULHERES E DAS CRIANÇAS, AFIM DE CULTIVAR A IGNORANCIA - NA RÊDE DA IMBECILIDADE E DO SERVILHISMO, NO ACARNEIRAMENTO DA DOMESTICIDADE - PARA APRISIONAR TODA A SOCIEDADE DENTRO DOS COFRES FORTES DO PODER TEMPORAL DOS MAGNATAS E DENTRO DO TARTUFISMO ESPIRITUAL DA SANTA MADRE IGREJA CATOLICA ROMANA.

(...)

PORQUE A MIM ME PODERIAM TIRAR A VIDA, MAS, NINGUEM, ABSOLUTAMENTE NINGUEM ME PODE FAZER CALAR A VOZ DA CONCIÊNCIA.”

(MOURA, Maria Lacerda de. **Ferrer, o Clero Romano e a Educação Laica**. São Paulo, Editorial Paulista, 1934, p. 72 e 74).

## ***SUMÁRIO***

Resumo -----	07
Considerações iniciais -----	08
Capítulo I – Mulher(es), história(s), historiografia(s) -----	17
Capítulo II – Maria Lacerda de Moura e a luta pela emancipação feminina -----	30
Considerações finais -----	53
Fontes -----	55
Bibliografia -----	62
Anexos -----	65

## **RESUMO**

Este trabalho discute algumas questões acerca da relação entre história e biografia, a partir da análise de livros e artigos de jornais escritos por Maria Lacerda de Moura (1887-1945). Escritora, professora, conferencista, poetisa do início do século XX e defensora da educação enquanto meio de emancipação humana, Maria Lacerda lutou contra o fascismo, a guerra, o analfabetismo, o clericalismo, e principalmente contra a submissão da mulher ao homem e da Humanidade ao capital.

O primeiro capítulo, *Mulher(es), História(s), Historiografia(s)*, propõe algumas reflexões acerca da “inclusão” da mulher nos trabalhos acadêmicos, tendo como ponto de partida os movimentos femininos da década de 20 no Brasil e a atuação de Maria Lacerda de Moura.

O segundo capítulo, *Maria Lacerda de Moura e a luta pela emancipação feminina*, aborda as discussões realizadas pela militante no que diz respeito à condição feminina e sua relação com a Igreja, o Estado e a educação.

Palavras-chaves : Maria Lacerda de Moura; Anarquismo; Biografia.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

### Perguntas de um Operário que lê

Bertold Brecht

Quem construiu Tebas, a das sete portas?  
 Nos livros vem o nome dos reis,  
 Mas foram os reis que transportaram as pedras?  
 Babilônia, tantas vezes destruída  
 Quem outras tantas a reconstruiu? Em que casas  
 Da Lima Dourada moravam seus obreiros?  
 No dia em que ficou pronta a Muralha da China para onde  
 Foram os seus pedreiros? A grande Roma  
 Está cheia de arcos de triunfo. Quem os ergueu? Sobre quem  
 Triunfaram os Césares? A tão cantada Bizâncio  
 Só tinha palácios.  
 Para os seus habitantes? Até a legendária Atlântida  
 Na noite em que o mar a engoliu  
 Viu afogados gritar por seus escravos.  
 O jovem Alexandre conquistou as Índias  
 Sozinho?  
 César venceu os gauleses.  
 Nem sequer tinha um cozinheiro ao seu serviço?  
 Quando a sua armada se afundou Filipe de Espanha  
 Chorou. E ninguém mais?  
 Frederico II ganhou a guerra dos sete anos  
 Quem mais a ganhou?  
 Em cada página uma vitória.  
 Quem cozinhava os festins?  
 Em cada década um grande homem.  
 Quem pagava as despesas?  
 Tantas histórias  
 Quantas perguntas

Sabina Loriga <sup>1</sup> realizou um estudo bibliográfico no sentido de entender como o tema história/biografia foi abordado ao longo dos tempos. Nesse texto, a autora recuperou um dos trabalhos consagrados de Carlo Ginzburg, *O Queijo e os Vermes*, no qual o autor refaz o questionamento presente na poesia de Bertold Brecht, *Perguntas de um operário que lê*: Onde foram registradas as histórias dos trabalhadores e trabalhadoras?

<sup>1</sup> LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escalas. A experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

Loriga sinalizou que o gênero biográfico ressurgiu enquanto categoria de análise histórica no final da década de setenta e início de oitenta, momento em que vários historiadores, adeptos de novas abordagens historiográficas, começaram a discutir a necessidade de dar voz aos vários *sujeitos/indivíduos* históricos que permaneceram anônimos, *excluídos da memória*.

A autora avaliou que a reelaboração e/ou construção de alguns conceitos como *classe, consciência, identidade e experiência* foi a grande contribuição dada pelo historiador inglês E. P. Thompson durante a década de sessenta. A abordagem thompsoniana foi amplamente incorporada por vários historiadores interessados em pesquisar o movimento operário no Brasil. A partir de 1978/79, a academia começou a refletir sobre “os movimentos sociais urbanos”<sup>2</sup>, tendo em vista os últimos acontecimentos no ABC paulista. Com a explosão das greves dos trabalhadores daquela região, e posterior difusão do movimento que foi denominado “novo sindicalismo”, a investigação histórica caminhou em busca do entendimento da organização dos trabalhadores para além dos sindicatos e partidos, ou seja, era preciso compreender como se dava a formação do operário no dia-a-dia da fábrica, nas organizações de bairro, igrejas e relações familiares.

Perceber a atuação de trabalhadores e trabalhadoras em outros espaços de sociabilidade implicava numa revisão do político. As mulheres apareceram, portanto, enquanto protagonistas dessa história de luta por melhor educação, saúde, moradia e higiene nos bairros<sup>3</sup>.

A abertura para as temáticas femininas nos trabalhos acadêmicos ocorreu neste contexto de mudanças de perspectivas nas análises historiográficas. Durante a década de setenta, as pesquisas voltaram-se para o estudo de sujeitos e formas de organização indiferentes à historiografia tradicional. Naquele momento, vários historiadores passaram a dedicar-se à história das mulheres, história oral, cultura popular, assim como retomaram a discussão acerca da biografia.

As tradicionais categorias de análise, fundamentadas em conceitos generalizantes, teleológicos e esquemáticos, foram sendo pouco a pouco minadas por

---

<sup>2</sup> TELLES, Vera da Silva. Movimentos sociais: reflexões sobre a experiência dos anos 70. In: WARREN, Ilse S. e KRISCHKE, Paulo J. (org.). **Uma reflexão no cotidiano?: Os novos movimentos sociais na América do Sul**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

<sup>3</sup> MATOS, Maria Izilda. História das mulheres e gênero: usos e perspectivas. In: SOUSA, Vera Lúcia P. (coord.). **Caderno Espaço Feminino**. Uberlândia, V. 3 ½, jan./dez., 1996.

diferentes entendimentos da realidade histórica. O gênero biográfico assumiu um importante papel no bojo dessa discussão a medida em que apresentou-se enquanto uma das possibilidades de leitura do social, firmando-se, portanto, como alternativa aos esquemas de pensamento tradicionais.

Nesse sentido, Loriga ressalta que *os próprios historiadores sociais, tradicionalmente mais atentos à dimensão coletiva da experiência histórica, começaram a refletir sobre os destinos individuais.*<sup>4</sup>

A investigação acerca da vida de pessoas, suas idéias e ações, constitui-se numa das possibilidades de análise historiográfica, apesar do conflituoso debate entorno da pertinência da biografia enquanto método de pesquisa para o historiador. Esse debate ocorre desde a Antigüidade, quando os gregos faziam uma distinção entre a história e a biografia, por entenderem que a primeira estava intrinsecamente relacionada ao coletivo, enquanto que a segunda tinha o papel de vangloriar, exaltar personagens, difundir exemplos/modelos de vida/comportamento<sup>5</sup>.

O interesse em realizar um estudo biográfico sobre Maria Lacerda de Moura surgiu a partir do projeto de pesquisa “*Dicionário Histórico-Biográfico do(s) Anarquismo(s) no Brasil*”, do qual participei enquanto estudante-bolsista no período de fevereiro/2002 a setembro/2003. A opção em pesquisar vida e obra dessa mulher firmou-se pela força impressa em seus escritos. Para além disso, o que impulsionou essa pesquisa foi o entendimento de que a leitura dos trabalhos de Maria Lacerda de Moura poderia possibilitar um novo olhar sobre a sociedade na qual a militante estava inserida, pois as idéias contidas nesses documentos são fruto da reflexão de um indivíduo feminino que vivenciou experiências únicas num dado momento histórico. A história de vida dessa mulher torna-se um diferencial a partir do momento em que ela ultrapassa as barreiras do machismo e impõe-se enquanto intelectual, militante, livre pensadora e defensora de princípios humanísticos e revolucionários.

Miriam Lifchitz Moreira Leite, em *Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura*, realizou um estudo registrando a história dessa mulher. A autora entende que o trabalho biográfico torna-se interessante, uma vez que os caminhos percorridos por um indivíduo revelam aspectos da vida coletiva.

---

<sup>4</sup> LORIGA, Sabina. Op. cit., p. 226.

<sup>5</sup> LEVILLAIN, Philippe. Os protagonistas: da biografia. In: RÉMOND, René. **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ / Editora FGV, 1988, p. 145

*São significativas as biografias que, ao conseguir delinear as características individuais do biografado, apresentam uma relação dialética entre o contexto social e a atuação de aproximação ou distanciamento do indivíduo nesse contexto. Raramente as particularidades do biografado deixam de ser desdobramentos de condições da vida coletiva de que participou, da cultura incorporada, do trabalho exercido e da influência real ou imaginária de multiplicador ou subversor que sua camada social, nacional, religiosa ou política exerceu. A aceitação, alienação ou negação do contexto social de origem se faz em função desse mesmo contexto.*<sup>6</sup>

Nesse sentido, Míriam Leite sinaliza a importância da pesquisa sobre a vida de um indivíduo com vistas a compreender uma sociedade. A relação de uma pessoa com o contexto social no qual ela está inserida pode trazer à tona novas realidades, ou ainda, novos olhares sobre os acontecimentos e idéias que constituíram espaços e tempos determinados.

Míriam Leite, em seu trabalho, discute com muita perspicácia a trajetória de vida de Maria Lacerda de Moura, escritora, professora, conferencista e poetisa no início do século XX. Defendeu a educação enquanto meio de emancipação humana, lutou contra o fascismo, contra a guerra, o analfabetismo, o clericalismo, e principalmente contra a submissão da mulher ao homem e da humanidade ao capital.

Nasceu na fazenda Monte Alverne em Manhuaçu/MG, em 16 de maio de 1887. Seu pai foi Modesto de Araújo Lacerda e, sua mãe, Amélia de Araújo Lacerda, ambos adeptos do anticlericalismo. Deslocou-se com a família para Barbacena/MG em 1891, onde tornou-se professora e casou-se, aos 17 anos de idade, com Carlos Ferreira de Moura. Como não podia ter filhos, adotou Jair, um sobrinho, e Carminda, uma órfã.

Nesse período, Maria Lacerda trabalhou intensamente com a questão da educação realizando conferências e publicando os livros *Em torno da Educação* (1918) e *Renovação* (1919). Além disso, ajudou a fundar a *Liga contra o Analfabetismo* em 1912, ainda em Barbacena.

Em 1921 mudou-se para São Paulo, onde estabeleceu contato com outras questões importantes para a sua vida intelectual e militante; momento de engajamento na luta pela emancipação da mulher através da Federação Internacional Feminina.

<sup>6</sup> LEITE, Míriam Lifchitz Moreira. **Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura**. São Paulo: Ática, 1984, p. xii.

Publicou a revista *Renascença* em 1923 e lançou os livros *A mulher é uma degenerada?* (1924) e *Religião do Amor e da beleza* (1926).

Entre 1928 e 1937 viveu em “Guararema”, na chácara *D. Maria Lacerda*, comunidade anarquista de cunho individualista onde cada um deveria responsabilizar-se pelo seu próprio sustento, ao contrário de outros agrupamentos coletivos como a *Colônia Cecília*. Foi um período de amadurecimento de idéias, momento em que engajou-se na luta contra o fascismo, a guerra e o clericalismo. Fez várias conferências em São Paulo, Rio de Janeiro e outras cidades brasileiras.

Publicou no jornal *O Combate*, de São Paulo, a partir de 1928 e realizou conferências para a *Internacional do Magistério Americano* em Buenos Aires, no ano de 1929. Lançou os livros *Civilização - tronco de escravos* (1931); *Amai e ... não vos multipliqueis* (1932); *Serviço militar obrigatório para a mulher? - Recuso-me! Denuncio!* (1933); *Clero e fascismo - horda de embrutecedores* (1934); *Fascismo - filho dilecto da Igreja e do Capital* (1934).

Durante o Estado Novo, a comunidade de Guararema foi reprimida pelo governo ditador de Getúlio Vargas, fazendo com que Maria Lacerda de Moura fugisse para Barbacena/MG em 1937, onde sofreu grande discriminação pelo seu histórico de luta. No ano seguinte foi viver no Rio de Janeiro/RJ e trabalhou na Rádio Mairinque Veiga. Maria Lacerda dedicou-se ao estudo da astrologia nesse período, e sua última conferência foi realizada no Rio de Janeiro, em 1944. Faleceu em 1945, aos 58 anos de idade.

Os artigos e livros de Maria Lacerda chamam a atenção pela ousadia, criticidade e compromisso com as questões sociais. A militante que não gostava de receber rótulos, seja de anarquista, feminista, comunista ou qualquer outra designação, defendia a necessidade da transformação individual nunca perdendo de vista um projeto social coletivo.

As reflexões em torno do gênero biográfico assinaladas por Robert Paris, no que concerne à experiência de se pensar e elaborar um “Dicionário Biográfico do Movimento Operário na América Latina”, traz à tona a discussão acerca da relação existente entre o individual e o coletivo.

*(...) ao contrário do que comumente se imagina, a relação entre biografia e história está longe de ser tão transparente ou imediata, (...). Mas nos satisfazemos com o senso comum, para o qual a biografia remete à história, pelo menos em dois sentidos: enquanto produto e enquanto denunciante. A verdadeira dificuldade desponta, na verdade, quando se trata de passar das biografias à classe, ou de induzir esta daquelas. (...) Pode-se pretender restituir uma totalidade por acumulação? A classe pela soma das biografias?*<sup>7</sup>

O autor aponta, portanto, uma das problemáticas em torno dos trabalhos dessa natureza, ou seja, a perspectiva de entender a biografia como elemento que diferencia-se do todo, *classe*, destacando-se pelo seu conteúdo diverso, destoante; ao mesmo tempo como *parte* constituinte, originária do *todo*. Dessa forma, o caráter unitário e consensual da classe esvai-se a medida em que a experiência individual é posta em confronto com a coletiva. A pretensão de “restituir uma totalidade por acumulação” foge ao real, tendo em vista que o todo torna-se uma abstração quando o objeto de análise constitui-se no ser humano, o qual estabelece uma relação dialética com o mundo.

Ao se propor a estudar a vida de um militante, seja ele ou ela um comunista, anarquista, socialista, enfim, seja qual for o ideal político do biografado, instaura-se, inevitavelmente, um problema: lidar com paixões. A militância, excluindo-se obviamente os “falsos militantes” (qual seja, políticos oportunistas e corruptos que utilizam-se de cargos e instituições para interesses pessoais), é um projeto de vida, uma opção individual e intransferível. Para além do biografado, há os outros, aqueles que compartilham dos mesmos ideais, aqueles que nos observam e estão atentos ao que estamos produzindo a respeito do seu projeto de vida, da sua escolha.

Nesse sentido, o olhar do pesquisador, quando este não é um militante do movimento, constitui-se num olhar externo, podendo até mesmo ser considerado intruso, indesejado pelos militantes. Além de externo, trata-se, muitas vezes, de um olhar do presente sobre um passado muito caro àqueles que cultivam tais ideais. É necessário, portanto, que os acadêmicos façam essa reflexão, uma vez que ao sentirem-se invadidos, os militantes reivindicam para si a direito de agir e serem respeitados em suas ações. Ao mesmo tempo, cabe ao estudioso analisar essas manifestações, pensá-las a partir das mais diferentes perspectivas, o que lhe dá, também, o direito de reivindicar para si a liberdade de pensamento.

<sup>7</sup> PARIS, Robert. Dossier: Biografia. Biografias e “perfil” do movimento operário—Algumas reflexões em torno de um dicionário. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: vol. 17, n.º 33, 1997, pp.: 13-14.

Essa relação conflituosa estabelece-se, talvez, pela ausência de uma autocrítica da academia no que diz respeito aos meios, objetivos e razões pelas quais se pesquisa. O interesse em dar voz àqueles que foram negligenciados pela historiografia não deve ser um propósito academicista, mas um compromisso com a história. “(Re)Mexer” no “imexível” sim, desde que o escopo seja contribuir para a construção do (re)conhecimento social.

A crítica de Janet Malcolm, quando esta afirma que (...) *o biógrafo se assemelha a um arrombador profissional que invade uma casa, revira as gavetas que possam conter jóias ou dinheiro e finalmente foge, exibindo em triunfo o produto de sua pilhagem*<sup>8</sup>, é pertinente ao historiador que se propõe a trabalhar com o gênero biográfico. Essa comparação, apesar de dura, coloca em discussão a ética do pesquisador. Buscar todo e qualquer tipo de informação (*jóias e dinheiro*) a respeito do biografado, sem a autorização do mesmo, é o que constantemente ocorre. No entanto, ao contrário do arrombador, é impossível fugir daquilo que se escreve. O autor sempre será questionado, cobrado, interrogado.

O que a autora sugere é que o trabalho do biógrafo é invasivo, uma vez que a busca de vestígios, como cartas, diários e outros documentos pessoais passa a ser freqüente. Dessa forma, a vida particular do biografado torna-se pública, sem que ele possa estar presente para defender-se.

Por outro lado, Jean Orioux<sup>9</sup> afirma a necessidade de se reunir tudo o que for possível de documentação sobre o indivíduo em estudo. Para além disso, é necessário conhecer a época em que viveu o biografado, bem como as diferentes visões das pessoas que conviveram com este indivíduo ou estudaram sobre ele.

O autor avança nessa discussão ao afirmar que a *vida, numa biografia, impõe-se à morte*<sup>10</sup>, a medida em que o pesquisador lida com as informações biográficas transformando-as, recolocando-as no presente; este trabalho de “re-criação” constitui-se na “arte do biógrafo”, segundo o autor.

---

<sup>8</sup> MALCOLM, Janet. **A mulher calada**. SP: Companhia das letras, 1995, p.16.

<sup>9</sup> ORIEUX, Jean. A arte do biógrafo. In: DUBY, Georges e outros. **História e nova história**. Lisboa: Teorema, 1986.

<sup>10</sup> Ibidem, p. 40

Durante a apresentação do Seminário de Pesquisa <sup>11</sup>, questionaram-me o porquê de referir-me à Maria Lacerda sempre no presente, apesar dela já ter falecido. Recebi a pergunta com surpresa, pois não havia me dado conta do fato. Talvez a avaliação de Orioux responda um pouco esta questão; mesmo tendo iniciado esta pesquisa há pouco tempo - os biógrafos dedicam anos e anos de pesquisa em torno dos seus personagens - as idéias da militante estão muito presentes em minhas reflexões, ou ainda, estão muito vivas.

O trabalho historiográfico é uma constante busca de significados/interpretações do passado ou do presente. O historiador não pode ter a pretensão de reconstituir a totalidade dos fatos, a medida em que todo documento é uma representação da realidade; ao lado disso, as fontes são produzidas por pessoas com posições particulares frente ao mundo em que vivem. A “re-criação”, portanto, permeia todo trabalho que propõe analisar fontes e estabelecer diálogo com os sujeitos envolvidos na pesquisa.

Nesse sentido, a pesquisa biográfica recebe um elemento a mais de subjetividade, ao passo que lida com o indivíduo; o que significa pensar a complexidade do ser em si e em relação com o mundo. Por ter esta especificidade, a pesquisa dessa natureza abre espaço para o diálogo com outras áreas do conhecimento - psicanálise, literatura, antropologia, sociologia. Dessa forma, Vavy Pacheco Borges ressalta que, (...) *Hoje em dia, a boa biografia não tem mais a absurda pretensão de esgotar o absoluto do “eu” - o que não conseguimos fazer nem para nós mesmos, em toda nossa experiência de vida, ajudados ou não pela psicanálise.*<sup>12</sup>

Este trabalho propõe discutir algumas idéias de Maria Lacerda de Moura sem pretender abordar todos os possíveis aspectos relativos à sua vida pessoal e profissional. Apesar de lidar com artigos e livros escritos pela autora, as fontes trabalhadas não resultam na totalidade de documentos produzidos por ela.

A documentação foi pesquisada no Arquivo Edgard Leuenroth da UNICAMP - jornais: *O Combate*, SP, *A Lanterna*, SP, *A Plebe*, SP e *O Internacional*, SP; folhetos: *Clero e Estado* e *A Mulher e a maçonaria*; revista: *Renascença* - no arquivo do Centro de Cultura Social de São Paulo - jornal: *A Lanterna* - e na Biblioteca Pública Municipal

---

<sup>11</sup> Disciplina obrigatória da graduação em história, na qual o estudante apresenta a sua pesquisa de monografia.

<sup>12</sup> BORGES, Vavy Pacheco. O historiador e seu personagem: algumas reflexões em torno da biografia. In: *Horizontes*, Bragança Paulista, n. 19, p. 01-10, jan./dez. 2001, p. 6.

de São Paulo - jornal: *A Lanterna*; livros: *Ferrer, o Clero Romano e a Educação Laica e Religião do Amor e da Belleza*.

O primeiro capítulo, *Mulher(es), História(s), Historiografia(s)*, propõe algumas reflexões acerca da “inclusão” da mulher nos trabalhos acadêmicos, tendo como ponto de partida os movimentos femininos da década de 20 no Brasil e a atuação de Maria Lacerda de Moura.

O segundo capítulo, *Maria Lacerda de Moura e a luta pela emancipação feminina*, aborda as discussões realizadas pela militante no que diz respeito à condição feminina e sua relação com a Igreja, o Estado e a educação.

## **CAPÍTULO I**

### ***MULHER(ES), HISTÓRIA(S), HISTORIOGRAFIA(S)***

*Repito pela terceira vez: enquanto houver na terra uma mulher sacrificada as outras não têm o direito de cruzar os braços indiferentes.*

*Eis porque se me afigura que a causa da mulher é causa internacional, é a causa social, é o Direito Humano.<sup>13</sup>*

O apelo feito por Maria Lacerda de Moura em 1931 ainda ecoa nos ouvidos de homens e mulheres do século XXI. As conquistas realizadas pelos movimentos feministas e femininos nas últimas décadas, tanto no campo profissional quanto no pessoal, foram, sem dúvida, significativas. No entanto, as mulheres brasileiras ainda sofrem com a violência doméstica, a má remuneração, a dupla jornada de trabalho, o assédio sexual e a ditadura da beleza. O machismo, seja ele declarado ou camuflado, circula entre as diversas camadas sociais e manifesta-se no comportamento sexista de homens e mulheres.

A luta por mudanças e pela democratização da sociedade passa, necessariamente, pela transformação nas relações entre os sexos. E, a partir desse entendimento, Maria Lacerda de Moura defendeu a emancipação de uma mulher servil, dependente e que não tinha autonomia sobre seu próprio corpo, pois não era livre para decidir sobre sua maternidade, seu casamento e sua vida profissional. Ao lado disso, defendeu a emancipação de um homem subordinado a um sistema escravizante, violento e excludente.

As problemáticas acerca da condição feminina sofreram e sofrem transformações ao longo do tempo; mas, o apelo de Maria Lacerda ainda tem ressonância na sociedade atual, uma vez que as formas de subordinação da mulher permanecem, apesar de adaptadas a um novo tempo.

---

<sup>13</sup> MOURA, Maria Lacerda de. **Clero e Estado**. Rio de Janeiro: Editora Liga Anti-Clerical, 1931, p. 32

Em 1921, Maria Lacerda de Moura e algumas militantes anarquistas - Matilde Magrassi, Isabel Cerruti, Josefina Stefani, Maria Antonia Soares, Maria Angelina Soares, Maria de Oliveira e Tibi - fundaram uma Federação Internacional Feminina<sup>14</sup>. A proposta da Federação era discutir questões relativas à mulher e à criança com vistas a transformar as relações estabelecidas na sociedade capitalista. Dessa forma, as militantes questionavam a educação formal, as condições de trabalho, a subjugação da mulher aos dogmas da Igreja Católica e às Leis, e assim por diante. Uma das reivindicações da Federação Internacional Feminina era a introdução de uma disciplina que discutisse a “História da Mulher” nos cursos superiores.

“Incluir” a mulher nos trabalhos acadêmicos constitui-se numa das plataformas de luta das feministas norte-americanas da década de sessenta. A preocupação das militantes em registrar a atuação das mulheres, com vistas a minar a concepção hegemônica de que o sujeito por excelência da história era o homem branco da elite, advinha da necessidade de transformação da condição feminina. Nesse sentido, Joan Scott esclarece:

*A conexão entre a história das mulheres e a política é ao mesmo tempo óbvia e complexa. Em uma das narrativas convencionais das origens deste campo, a política feminista é o campo de partida. Esses relatos situam a origem do campo na década de 60, quando as ativistas feministas reivindicavam uma história que estabelecesse heroínas, prova da atuação das mulheres, e também explicações sobre a opressão e inspiração para a ação. Foi dito que as feministas acadêmicas responderam ao chamado de “sua” história e dirigiram sua erudição para uma atividade política mais ampla (...) <sup>15</sup>*

A autora afirma a necessidade de se pensar esta conexão - história das mulheres e política - enquanto uma relação dinâmica, ao contrário de pensar a produção do conhecimento como simples reflexo do movimento político. Ou seja, ao mesmo tempo que as mulheres ocupavam o mercado de trabalho, as vagas nas universidades e aspiravam aos cargos políticos, acontecia um movimento acadêmico em busca de novos objetos de análise. Scott entende *este campo como um estudo dinâmico na política da produção de conhecimento*.<sup>16</sup>

<sup>14</sup> RAGO, Margareth. **Anarquismo & Feminismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1998, p. 11.

<sup>15</sup> SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (org.) **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, p. 64.

<sup>16</sup> *Ibidem*, p. 66.

As discussões acadêmicas acerca da questão da mulher ampliaram-se na década de setenta, a ponto de fazer emergir uma nova categoria de análise, “mulheres”. As pesquisas caminharam no sentido de registrar a intervenção das mulheres na história, ou ainda, discutir o papel social de pessoas que foram ocultadas pela historiografia tradicional.

*Assim, na década de 70, as mulheres entraram em cena e se tornaram visíveis na sociedade e na academia, onde os estudos sobre a mulher se encontravam marginalizados da maior parte da produção e da documentação oficial. Isso instigou os interessados na reconstrução das experiências, vidas e expectativas das mulheres nas sociedades passadas, descobrindo-as como objeto de estudo.*<sup>17</sup>

Nesse sentido, o empenho em trazer o elemento feminino para a escrita da história, num primeiro momento, levou a uma segregação entre as categorias “homens” e “mulheres”. Somente no final década de setenta, a categoria “gênero” foi adotada pelos historiadores e historiadoras preocupados em discutir questões relativas à diferença sexual, a partir de um ponto de vista relacional.

A mulher passou a ser analisada em relação ao homem e à sociedade na qual ela estava inserida. A possibilidade de perceber as relações homens/mulheres através do ponto de vista da “diferença”, possibilitou, para além disso, um olhar sobre as diversidades - sócio-econômicas, étnicas, religiosas - entre as próprias mulheres. Tornou-se necessário, portanto, pensar a mulher não enquanto uma categoria homogênea, mas como indivíduos ou grupos marcados por diferentes tempos, espaços e referenciais de vida.

A luta pela emancipação feminina no início do século vinte não foi um movimento único. Várias mulheres estiveram envolvidas neste projeto, apesar de adotarem diferentes concepções acerca do significado de emancipação; o que levou à constituição de diferentes plataformas de luta. As militantes anarquistas defendiam a ruptura dos padrões estabelecidos pela família burguesa, o que significava pensar no fim do casamento legalizado, no direito à maternidade opcional e à escolha do parceiro ideal, assim como no direito ao divórcio e ao amor livre. As feministas sufragistas, por outro lado, entendiam que a emancipação feminina passava pelo direito ao voto e à ocupação de cargos públicos.

---

<sup>17</sup> MATOS, Maria Izilda. Op. cit., p. 37.

Maria Lacerda de Moura travou um embate com as feministas. As mulheres que participavam desse movimento faziam parte da classe média e foram influenciadas pelos movimentos femininos que ocorreram na Europa e nos Estados Unidos <sup>18</sup>. Na avaliação da escritora, as feministas não propunham ruptura com o sistema, ao contrário, queriam integrar-se a ele. Ao invés de lutarem contra a fome, a desigualdade social e a má distribuição de renda, elas adotavam a “caridade” como prática do movimento. Dessa forma, a condição do pobre permanecia inalterada, e, o pior, este deveria contentar-se com as “sobras das orgias da elite”.

O posicionamento de Maria Lacerda foi claro: a empregada doméstica continuava sendo explorada por essa mesma mulher feminista e “bondosa”; os operários e operárias ainda trabalhavam nas fábricas, mantendo, assim, o conforto dos homens e mulheres da elite; os pobres continuavam carentes de educação. Enfim, o movimento feminista fundamentava-se numa dualidade: de um lado a “caridade” das “madames” vaidosas e exploradoras, de outro, a humilhação de quem recebia a esmola.

Ao mesmo tempo que a militante feminista fazia caridade, mantinha uma relação de exploração com a sua semelhante. A empregada recebia e obedecia ordens; a patroa mantinha sua comodidade, elegância e boa aparência. A “madame” não conhecia a realidade daquele a quem prestava caridade, pois vivia num mundo de farturas. Além de ser ignorante, era fútil e moldada pelas convenções sociais.

*Ha apenas a preocupação de se jogar migalhas na bocca escancarada da fome, talvez para que nos deixem em paz ...*

*E, divertir-se á custa da dôr, da amargura, da fome, é insultar ao soffrimento.*

*E a miseria esta de tal modo humilhada, deprimida, que nem forças tem para devolver, orgulhosamente, os restos que se lhe atiram através dos esplendores dos salões elegantes, por entre as pontas dos dedos enluvados para que não volte um salpico das calçadas a enlamear-lhes as mãos dadivosas.* <sup>19</sup>

Toda a discussão elaborada por Maria Lacerda acerca da corrupção, das leis classistas e autoritárias, da exploração do homem pelo homem e da mulher pelo homem, leva-a manifestar-se contrária ao movimento das feministas. As mulheres deveriam lutar

<sup>18</sup> HAHNER, June E. Anarquistas, trabalho e igualdade para as mulheres. In: **A mulher no Brasil**. Tradução de Eduardo F. Alves Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p. 95. Título original: *Women in Brazil*.

<sup>19</sup> MOURA, Maria Lacerda de. Feminismo? Caridade? **O Combate**, São Paulo, n. 4598, p. 3, 05/01/1928.

pela quebra das estruturas, não pela sustentação daquele Estado. Os direitos políticos serviriam a uma elite feminina, abastada, o que não as livrariam da condição de escravas seculares.

O caminho da liberdade não passa pelo voto, mas pelo auto-conhecimento, pelo distanciamento dos dogmas religiosos, políticos, legais. Maria Lacerda proclamou-se “individualista”, “ácrata”, “anti-social”, “fora da lei”.

*Em uma época das mais decadentes, no meio de toda esta corrupção, quando os homens de Estado não descem mais porque não tem mais para onde descer, e os políticos profissionaes vivem de negociatas fantasticas e tudo é cabotinismo e palhaçada, é nesta época de dissolução que a mulher quer partilhar das responsabilidades na derrocada colectiva.*<sup>20</sup>

A escritora levantou duas hipóteses que pudessem explicar o surgimento do movimento feminista/sufragista no Brasil: a primeira hipótese era o interesse em participar do regime e usufruir do poder; a segunda era a crença na regeneração do sistema, o que seria uma grande ingenuidade.

Os textos de Maria Lacerda registraram o conflito ocorrido entre ativistas anarquistas e feministas sufragistas no Brasil, durante década de vinte. A análise desse momento coloca em evidência as “diferenças” existentes entre estas mulheres. Assim,

*(...) o contato entre as anarquistas e as feministas liberais praticamente não existiu, ou foi bastante tenso, já estas não só condenaram aquelas como radicais, procurando manter uma profunda distância do que ironicamente definiam como “feminismo revolucionário”, destruidor dos lares e “anárquico” como, muitas vezes, até desconheceram a cultura operária que se produzia e cultivava nas imediações.*<sup>21</sup>

Esta “cultura operária” mencionada por Margareth Rago, e, em especial, a participação dos anarquistas nos movimentos trabalhistas, foi registrada em vários trabalhos acadêmicos. Em *Do cabaré ao lar - A utopia da cidade disciplinar (1890-1930)*, a autora discute a formação do imaginário burguês e do imaginário operário

<sup>20</sup> MOURA, Maria Lacerda de. O voto feminino. *O Combate*, São Paulo, n.4575, p. 2, 08/12/1927.

<sup>21</sup> RAGO, Margareth. Op. cit., pp.: 21-22.

neste período da história brasileira. Se, no início do século XX, a ação dos patrões em relação à militância era de cunho mais violento, a partir da década de vinte outras estratégias começaram a ser utilizadas. Nesse sentido, a elite do país (industriais, médicos, Igreja) iniciou um trabalho no intuito de construir novos símbolos e ideologias que possibilitassem maior controle sobre o trabalhador.

*(...) O fortalecimento do patronato tornou-se ainda mais visível na década de 1920, com os proprietários das fábricas cada vez mais articulados com os aparelhos repressivos do Estado e firmando novas e sólidas alianças com o episcopado católico.*

*(...) A perpetuação das relações de poder passava pelo enquadramento das múltiplas instâncias da vida social. A religiosidade e o patriotismo voltaram a ser lembrados, embora nunca tivessem sido realmente esquecidos, com poderosos anteparos para impedir a disseminação das idéias revolucionárias e internacionalistas.<sup>22</sup>*

Os trabalhadores viam a fábrica enquanto um espaço de dominação, exploração de mão-de-obra, alienante. Assim, eles passaram a se organizar de várias maneiras, seja através das denúncias pelos jornais operários, sabotagens, boicotes, roubos, greves ou quebra-quebras. Em contrapartida à resistência dos operários, ocorreu a introdução de diversas normas dentro das fábricas visando o controle do tempo de trabalho e das práticas políticas dos trabalhadores.

Os patrões implementaram sistemas de premiação pelas tarefas desenvolvidas, impondo, assim, um novo ritmo de trabalho ao operário. Esse esquema permitia a punição daqueles considerados “subversivos”, e, em contrapartida, premiava os que obedeciam às ordens fixadas pelo dono da fábrica. Essa estratégia foi muito eficaz pelo fato de incentivar a competição entre os próprios trabalhadores.

A luta dos operários via sabotagem, boicote ou destruição das máquinas, exercia uma forte pressão sobre os patrões. A política paternalista foi um dos caminhos adotados pelos empresários com vistas a estabelecer uma relação de negociação com os trabalhadores. Nesse momento, os industriais começaram a construir as vilas operárias com garantia de saúde e educação, apoiados no discurso médico da época que ressaltava a necessidade de boas condições de trabalho e de higiene.

---

<sup>22</sup> VALLADARES, Eduardo. **Anarquismo e anticlericalismo**. S. Paulo: Editora Imaginário, 2000, p. 51.

*Através de “concessões” como a instalação de armazéns, cooperativas, farmácias, restaurantes, escolas, vilas operárias, assistência médica junto às fábricas, o cerco aos passos do trabalhador torna-se mais consistente, sistemático e globalizante. Procura-se destilar, juntamente com esses “benefícios”, a idéia de que trabalhadores e patrões pertencem a uma mesma “comunidade”, lutando por interesses comuns. A imagem da família utilizada para pensar a fábrica, cumpre a função explícita de negar a existência do conflito capital/trabalho, sugerindo a idéia de uma harmoniosa cooperação entre pessoas identificadas. Representação que os operários criticam violentamente.*<sup>23</sup>

O discurso médico marca esse período de valorização da ciência, progresso, higiene, civilidade, saúde pública; valores que são incorporados pelos patrões e difundidos entre os trabalhadores enquanto referencial de vida. Os órgãos públicos passam a realizar um trabalho de inspeção e controle de hábitos na sociedade.

Dentro dessa perspectiva, a instituição - família burguesa - torna-se uma forte arma para a manutenção da ordem e da disciplina do trabalho. Tal mecanismo estabelece papéis definidos para homens e mulheres na sociedade. A estas cabia o papel de mães, esposas e donas-de-casa.

*A promoção de um novo modelo de feminilidade, a esposa-dona-de-casa-mãe-de-família, e uma preocupação especial com a infância, percebida como riqueza em potencial da nação, constituiram as peças mestras deste jogo de agenciamento das relações intra-familiares. À mulher cabia, agora, atentar para os mínimos detalhes da vida cotidiana de cada um dos membros da família, vigiar seus horários, estar a par de todos os pequenos fatos do dia-a-dia, prevenir a emergência de qualquer sinal da doença ou do desvio.*<sup>24</sup>

A autora refere-se à Maria Lacerda de Moura como uma mulher de idéias totalmente novas, justamente pelo fato de refletir profundamente acerca da questão feminina, numa perspectiva radical. A militante questionava profundamente os parâmetros morais construídos na sociedade, e ao mesmo tempo convocava as mulheres a lutar por emancipação.

Margareth Rago coloca que a imprensa operária convocava as trabalhadoras para a luta por melhores condições de vida; no entanto, o papel dessas mulheres era o de auxiliar seus pais, maridos e filhos no movimento. Dessa forma, o movimento operário

<sup>23</sup> RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar - A utopia da cidade disciplinar (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p. 34.

<sup>24</sup> *Ibidem*, p. 62.

absorvia a ideologia da família burguesa, o que dificultava ainda mais uma reação das mulheres frente a essas imposições sociais. A luta das mulheres por mudanças significativas deveria extrapolar as relações de trabalho; a busca da transformação partiria do próprio cotidiano, na vida familiar, filhos, marido, além da vida profissional.

Para os homens trabalhadores, as fábricas eram um espaço impróprio às esposas, *podendo influenciá-las moralmente, e até mesmo levá-las à prostituição; discurso este que partia da própria burguesia e que era ressaltado nos jornais operários, tão preocupados em discutir a moral. Uma vez assediadas pelos patrões, certamente trairiam seus maridos pelo fato de serem frágeis. Essa era a imagem feminina na época: romântica, sensível e ingênua.*

No entanto, Margareth Rago expõe que há registro de grandes mobilizações femininas. Em 1901, uma greve na fábrica de tecidos Sant'Anna, com mais de 700 mulheres; em 1902, fábrica de tecidos Anhaia; outra em 1908, outra em 1917, e assim por diante. Mas a imprensa operária em geral, considerava essas ações “inconscientes”, “fracas”, “desorganizadas” e “difusas”.

*De modo geral, o discurso operário masculino fala da e para a mulher trabalhadora, definindo-a simbolicamente como “sexo frágil”, física e moralmente, numa atitude paternalista que visa protegê-la contra os dom-juans das fábricas e conscientizá-la da importância de sua organização política. Nesse sentido, o movimento operário, mesmo o anarquista, atribui-se o direito de liderança sobre as mulheres, seja devido à sua “dêbil constituição física”, seja devido à falta de combatividade que caracteriza a “natureza feminina”.<sup>25</sup>*

Francisco Correia<sup>26</sup> ressalta também esta questão, avaliando que as militantes anarquistas foram esquecidas até mesmo pelos seus companheiros de luta. A maioria das ativistas envolvidas nos Grupos de Teatro, em projetos de educação alternativos, assim como em associações trabalhistas, permaneceram ignoradas.

Segundo o autor, Maria Lacerda de Moura recebeu maior destaque devido à *quantidade de trabalhos produzidos e divulgados. No entanto, as propostas da militante eram tão ousadas e atacavam tão diretamente os valores fundamentais da sociedade burguesa, que seu trabalho foi boicotado e sua memória combatida.*

<sup>25</sup> Ibidem, p. 67.

<sup>26</sup> CORREIA, Francisco. Mulheres libertárias: um roteiro. In: PRADO, Antonio Arnoni (org.) **Libertários no Brasil - memória, lutas, cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2ª edição, 1987.

*(...) Maria Lacerda de Moura desagradou a machistas e chauvinistas, a políticos e religiosos de todos os credos, em quem nunca acreditou. Por isso foi cercada, asfixiada, silenciada, sua revista sabotada. Suas obras e seu nome continuam esquecidos até hoje, inclusive pelas feministas. (...)*<sup>27</sup>

O esquecimento de Maria Lacerda de Moura levou Míriam Lifchitz Moreira Leite a pesquisar sua vida. Ao analisar o porquê do silenciamento<sup>28</sup> em relação às obras e atuação dessa militante, Míriam Leite considera o aspecto combativo da personagem. Ou seja, ao declarar-se individualista, anti-social, anticlerical, antifascista, e adepta do amor livre, da maternidade consciente e da emancipação da mulher em relação ao homem e ao capital, Maria Lacerda tornou-se indesejada, indigna de ser lembrada.

Ao mesmo tempo que seus livros e conferências conquistaram um grande público, a maior parte da sociedade não recebeu suas idéias de forma tranqüila. A influência da Igreja Católica na educação era intensa naquele momento, o ideal de mulher esposa, mãe e dona-de-casa vinha sendo difundido na sociedade com o apoio da classe médica. Nesse sentido, propor uma revolução na maneira de ser do homem e da mulher, principalmente no que diz respeito ao relacionamento, ao sexo e à geração de filhos, soava como um insulto à moral, à ordem e ao progresso de uma “nação tão promissora” como o Brasil.

Pensar a política da elite brasileira do início do século vinte significa pensar nos projetos de urbanização, higienização e industrialização do país. Nicolau Sevcenko<sup>29</sup> retoma as origens do pensamento positivista, marcado pelo culto à ciência e ao progresso. O autor discute que a partir da Revolução Industrial, final do século XVIII, as noções liberais de trabalho, tempo, ética, política, foram difundidas no mundo. Idéias estas que influenciaram o Partido Republicano do Brasil (1870) composto por artistas, intelectuais e políticos. A partir disso, várias foram as políticas públicas adotadas com vistas a impulsionar o desenvolvimento do país.

O projeto político da elite brasileira denominou-se “Regeneração”, já que o intuito era apagar da memória um passado de escravidão e monarquia, assim como implementar reformas institucionais capazes de promover a “ordem e o progresso”. O

<sup>27</sup> Ibidem, p. 47.

<sup>28</sup> LEITE, Míriam Lifchitz Moreira. Aspecto do segredo: Maria Lacerda de Moura. In: FUKUI, Lia (org.) **Segredos de Família**. São Paulo: AnnaBlume, 2002.

<sup>29</sup> SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano—astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: Fernando Novais (org). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 1993, v. 3. p.7-48.

Rio de Janeiro passou por um processo de urbanização, com reformas urbanas, portuárias e sanitárias. A então capital do Brasil ficou à mercê do engenheiro Lauro Müller, do médico sanitarista Oswaldo Cruz e do engenheiro urbanista Pereira Passos.

O progresso, dentro da concepção positivista, traz a idéia de evolução, desenvolvimento progressivo. Instaurar o novo, moderno. Superar o velho, ultrapassado. Se, por um lado, o progresso e a ciência trazem melhorias materiais para uma parcela da população, por outro lado, carregam consigo uma série de valores e significados fundamentados numa visão evolutiva de mundo, hierarquizante. Durante o processo de urbanização, a população pobre foi a mais humilhada e prejudicada, na medida em que foi expulsa do centro da cidade, as casas foram destruídas, rituais religiosos afro-brasileiros proibidos; tudo com o objetivo de “limpar” a cidade.

Maria Lacerda de Moura criticou veementemente a noção de progresso da elite. A escritora, nascida no interior de Minas Gerais, teve contato com os grandes centros urbanos na década de 20<sup>30</sup>, momento em que mudou-se para São Paulo e passou a fazer suas conferências em várias outras cidades, inclusive no Rio de Janeiro. Apesar de acreditar que o progresso era necessário ao desenvolvimento da sociedade, Maria Lacerda avaliava que o conhecimento produzido servia aos interesses do poder e não ao bem estar da população.

Em *A Sciencia a serviço da degenerescencia humana*, dois artigos publicados no jornal *O Combate* de São Paulo, dias 06 e 12 de julho de 1928, a militante argumentou contrariamente ao uso que se fazia da ciência.

*Descobertas, investigações, os methodos scientificos attestam o esforço genial da élite para uma evolução mais alta. O resultado não se faz esperar: o capitalismo industrializado apodera-se do esforço científico, ainda em embrião, de maneira a canalisar todas as energias humanas, em uma direcção única – a lucta de competições, a concorencia economica, o assalto ás posições já occupadas, o nacionalismo, e, consequentemente, as guerras. (...)*

*Neste momento todos os grandes laboratorios chimicos estão occupados na descoberta de gazes cada vez mais toxicos para a próxima guerra.*<sup>31</sup>

<sup>30</sup> LEITE, Míriam Lifchitz Moreira. Maria Lacerda de Moura e a década de 20. In: SOUSA, Vera Lúcia P. (coord.). *Caderno Espaço Feminino*. Uberlândia, V. 3 ½, jan./dez., 1996.

<sup>31</sup> MOURA, Maria Lacerda de. *A Sciencia a serviço da degenerescencia humana*. *O Combate*. São Paulo, n.4753, p. 3, 06/07/1928.

Neste mesmo artigo, Maria Lacerda chega a afirmar a necessidade da volta ao campo. A vida na cidade, o processo de industrialização, a indústria bélica, ou ainda, o “progresso”, causavam a desarmonização entre o ser humano e a natureza. É neste momento que a escritora vai morar numa chácara na comunidade de Guararema<sup>32</sup> e pratica, mais intensivamente, sua campanha antifascista.

Míriam Leite ressalta que a produção intelectual de Maria Lacerda intensificou-se durante o tempo em que morou nesta chácara. A militante foi associada ao movimento anarquista, devido o conteúdo de seus livros e conferências. Perante os olhos da ditadura varguista, a escritora tornou-se uma “subversiva”, assim como seus companheiros. A perseguição do governo contra os ativistas políticos contribuiu, segundo Míriam Leite, para o esquecimento das obras dessa mulher<sup>33</sup>.

A análise da autora remete à discussão acerca dos mecanismos utilizados pelos grupos hegemônicos de uma sociedade no intuito de difundir, omitir, enaltecer ou deturpar práticas individuais/coletivas do passado<sup>34</sup>. Como são escolhidas as datas a serem comemoradas? Como são eleitos os fatos, os nomes e as idéias a serem transmitidas às gerações futuras? Por que as mulheres, os negros e os indígenas não estiveram presentes nos registros e nas análises historiográficas por tanto tempo?

O processo de rejeição ou assimilação de sujeitos na escrita da história revelam os interesses de uma época. A busca pelo entendimento da realidade, através das pesquisas, dá-se a partir de uma concepção de mundo. Ao eleger um tema para investigação, o historiador faz uma escolha: o que deve ou não ser reconhecido

<sup>32</sup> (...) *Tratava-se de uma colônia formada por objetores de consciência da Primeira Guerra Mundial, de origem italiana, espanhola e francesa, que tinham se reunido à beira do rio Paraíba, pretendendo viver em liberdade e sem hierarquias (tanto entre trabalho manual e intelectual como entre homens e mulheres), exercendo um pacifismo ativo, ao se oporem a todas as formas de violência - do serviço militar à guerra.*

(...)

*Quase desconhecida, a colônia de Guararema pretendeu realizar a utopia da fraternidade entre individualistas. Ela aparece registrada no opúsculo do anarquista Émile Armand - Milieux de vie en commun et “colonies” - e pereceu definitivamente sob a repressão desencadeada por Getúlio Vargas, em 1935. Prisões e deportações dispersaram os participantes estrangeiros, e Maria Lacerda, após ter se escondido por muito tempo, voltou a Barbacena, para tentar viver de novo como professora de preparatórios para ginásio.* (LEITE, Míriam Lifchitz Moreira. Maria Lacerda de Moura e o anarquismo. In: PRADO, Antonio Arnoni (org.) **Libertários no Brasil - memória, lutas, cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2ª edição, 1987, p. 95).

<sup>33</sup> LEITE, Míriam Lifchitz Moreira. Maria Lacerda de Moura - imagem e reflexo. In: BARROSO, Carmen e COSTA, Albertina Oliveira (org.) **Mulher, Mulheres**. São Paulo: Editora Cortez/ Fundação Carlos Chagas, 1983.

<sup>34</sup> HOBBSAWN, Eric. *Dentro e fora da história*. In: **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

enquanto importante para a história, para as pessoas. Os escritos de Maria Lacerda foram incompreendidos em seu tempo, para além disso, foram deturpados por vários segmentos da sociedade, inclusive por mulheres.

O que fez de Maria Lacerda de Moura uma mulher revolucionária foi o fato de ter *pensado e agido* de acordo com seus princípios. A militante deixou claro, em várias ocasiões, que não pretendia agradar a todos, mas sim defender suas idéias livremente, mesmo que isso implicasse no ataque à moral e aos bons costumes.

A firmeza com que Maria Lacerda levou adiante seus projetos agrediu uma sociedade hipócrita e conservadora. *A luta que Maria Lacerda travou com as instituições conservadoras da sociedade em que viveu, é no mínimo enaltecida, pois ainda hoje, muitas pessoas não ousariam dizer o que ela disse.*<sup>35</sup>

De acordo com a escritora, as pessoas deveriam negar toda estrutura de dominação e lutar pela liberdade de ação e pensamento.

*Sejamos os desertores da família, os desertores sociais, o individualista livre - para pensar e sonhar e viver em harmonia com a nossa própria consciência.*

*Para educar, é preciso ter-se educado a si próprio, na tortura gloriosa do domínio das paixões e do espírito de autoridade.*<sup>36</sup>

A busca pela liberdade dependia somente do indivíduo. Era preciso saber driblar as pressões exercidas pela família, Estado ou religião.

Num artigo publicado no jornal *A Lanterna*, 1935, Maria Lacerda expôs uma situação de cunho familiar que evidencia a fidelidade impressa em suas palavras. A escritora falava de Jair Lacerda Crus Machado, sobrinho que educou como filho durante quinze anos. Jair Machado viveu em São Paulo com Maria Lacerda e precisou voltar para sua terra natal por motivos de saúde. Após seis anos de afastamento, a militante tomou conhecimento que seu “filho” havia entrado para “as fileiras integralistas”.

O posicionamento de Maria Lacerda foi coerente com aquilo que propunha e cobrava da sociedade: *Pois bem: meu filho adotivo morreu*<sup>37</sup>. Apesar do afeto em

<sup>35</sup> FERNANDES, Vanusa Alves Viana. **O feminismo anarquista de Maria Lacerda de Moura**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1995, (Monografia), p.13.

<sup>36</sup> MOURA, Maria Lacerda de. **Ferrer o Clero Romano e a Educação Laica**. São Paulo, Editorial Paulista, 1934, p. 88

<sup>37</sup> MOURA, Maria Lacerda de. Profissão de fé. **A Lanterna**, São Paulo, n. 388, p. 3, 09/02/1935.

relação ao sobrinho, considerou-o morto. A atitude de Maria Lacerda evidencia sua convicção. Ao mesmo tempo, choca uma sociedade na qual estava sendo cultivado o ideal de mãe, esposa e dona-de-casa. Nesse sentido, agir de acordo com a consciência implicava numa série de renúncias, inclusive afetivas: *Pois bem: meu filho adotivo morreu...*

A história dessa mulher, desse indivíduo, constitui-se num estímulo à luta cotidiana, prática que vem sendo extirpada da sociedade contemporânea marcada pelo consumismo, egoísmo e frustrações políticas.

## **CAPÍTULO II**

### **MARIA LACERDA DE MOURA E A LUTA PELA EMANCIPAÇÃO FEMININA**

*A causa de todas as miserias sociaes? - A exploração do homem pelo homem - a exploração da mulher pelo homem, o regimen burguez-capitalista de concurrencia e privilegios, o ouro, o maldito ouro, a ambição e o poder economico de um lado, do outro - o servilismo e a ignorancia, e por ultimo, coroando todo o edificio - o clero, a mentalidade suffocada, acorrentada através da razão amordaçada pela Igreja-capitalista, pelo governo das olygarquias privilegiadas, a autoridade guardada pela força prepotente do militarismo imbecilizado pela educação official, clerical, patriota mantenedora dessa machina triturante de todas as mais bellas aspirações, de todos os mais nobres sentimentos.<sup>38</sup>*

Além da associação com o movimento anarquista, Maria Lacerda foi rotulada de feminista, sexóloga e comunista - denominações que a escritora refutou. Míriam Leite ressaltou as aproximações das idéias da escritora com o ideal libertário em alguns aspectos: (...) *o discurso panfletário, uma forte tendência antiliterária e a preocupação permanente com a missão educativa.*<sup>39</sup>

Outro aspecto marcante na escrita de Maria Lacerda de Moura, que demonstra aproximações com as idéias anarquistas, é o cunho anticlerical de seus pensamentos. O anticlericalismo fortaleceu-se no Brasil durante o final do século XIX e início do século XX, aglomerando vários segmentos da sociedade: (...) *setores da maçonaria, liberais, positivistas, jacobinistas, livre-pensadores, agnósticos, socialistas e anarquistas* (...) <sup>40</sup>. A Igreja, segundo os anarquistas, era um braço do Estado, responsável pela ignorância da população e pela submissão da mulher; a Igreja atuava na consciência de homens e mulheres que permaneciam obedientes às regras impostas pelo Capital.

<sup>38</sup> MOURA, Maria Lacerda de. **Religião do Amor e da Belleza**. São Paulo: O Pensamento, 2ª edição, 1929, pp.: 189-190.

<sup>39</sup> LEITE, Míriam Lifchitz Moreira. Maria Lacerda de Moura e o anarquismo. In: PRADO, Antonio Arnoni (org.) **Libertários no Brasil - memória, lutas, cultura**. Op. cit., p. 85.

<sup>40</sup> VALLADARES, Eduardo. Op. cit., p. 11.

O primeiro número de *A Lanterna*, órgão da Liga anticlerical de São Paulo, data de sete de março de 1901. O jornal, fundado por Benjamim Mota, teve tiragem inicial de *dez mil* exemplares, distribuídos *gratuitamente*. O terceiro número foi editado em seis de abril de 1901, com distribuição de *quinze mil* exemplares, e, o quinto, no dia três de maio de 1901, com *vinte mil* exemplares.

Esses dados chamam a atenção, tendo em vista a dificuldade em se produzir e manter um jornal através de contribuição voluntária. Somente no primeiro jornal há registro de cinquenta listas de subscrições <sup>41</sup>. Ao mesmo tempo, os números representam o grau de interesse das pessoas em discutir questões relativas ao clericalismo, independente da linha política a qual pertenciam.

*A Lanterna* era distribuída e lida em várias cidades do Brasil e possuía uma *Sezione Italiana* e uma *Sección Española*, o que ampliava o público leitor. Na primeira página dos primeiros números de *A Lanterna* veio impressa a seguinte afirmação:

*Em qualquer assunto é livre a manifestação do pensamento pela imprensa ou pela tribuna, sem dependencia de censura, respondendo cada um pelo abuso que commetter aos casos e pela forma que a lei determinar.*

*Não é permitido o anonymato.*

*Art. 7 § 12 da Constituição Federal.*

*Art. 57, IX da Constituição Estadual.*

*N`A Lanterna não apparecem nomes, mas não é um jornal anonymo porque na Camara Municipal está devidamente assignado o termo de responsabilidade.* <sup>42</sup>

<sup>41</sup> Lista n.8- Alexandre Herculano, 5\$; F. L. de Freitas, 5\$; J. O., 5\$.

Lista n.7- Almirante Barroso, 5\$; Libero Badaró, 3\$; Cassagnac, 2\$; E. Cavalcanti, 2\$; Mirabeau, 5\$; Voltaire, 2\$; Maximiliano, 2\$.

Lista n.6- N. N., 5\$.

Lista n.13- Job, 2\$; Ganganelli H., 2\$; Darwin, 2\$.

Lista n.4- Paulo Bert, 10\$; Guarany, 2\$; V. S. Bemfica, 2\$; José Garcia dos Santos, 2\$; Um Anarchista encapotado, 2\$; Nelusko M. 2\$.

Lista n.24- Tupy, 10\$; L. Torreão, 2\$; Guilherme de Souza, 1\$; Giacomo Piazza, 1\$; Pio IX Leonardi, 2\$; Maria Stuarda, 2\$; Larunda, 2\$; José Rubino, 2\$; Luiz Antonio Gonçalves, 2\$; Firmino Perella, 2\$; João Antonio José, 2\$; Verdi, 1\$; Pinheiro Lima, 5\$.

Lista n.23- Benjamim Mota, 5\$; Um que quer ver Frei Bernardino deportado, rs 500; Uma victima dos padres, 1\$; Pedro Elias Lemos, 1\$; Arthur Breves, 5\$; Paul dos Guimarães, 5\$; Menotti Levi, 2\$; Malaquias Guerra, 2\$.

Lista n.1- Campanella 3, 5\$; Atilio Volpi, 2\$; Romolo, 5\$; E. Zoppo, 2\$; Beppito, 2\$; Um Atheu, 1\$; Etienne Dolet, 3, 1\$; Um anonymo, 2\$; Albino Vimarando Junior, 2\$” Fonte: *A Lanterna*, São Paulo, n. 1, p. 4, 07/03/1901.

<sup>42</sup> Fonte: *A Lanterna*, São Paulo, n. 6, p. 1, 19/05/1901.

A necessidade em afirmar tais direitos explicita as dificuldades encontradas pelos militantes anticlericais em divulgar suas idéias e matérias polêmicas. O jornal era distribuído nas cidades cortadas pela linha do trem, locais onde eram realizadas conferências e debates com a população acerca das temáticas propostas pela folha - Jundiaí, Ribeirão Preto, São José dos Campos, Piracicaba, e assim por diante.

Os artigos e imagens buscavam desmoralizar a Igreja, a medida que ressaltavam um passado de Inquisição e expunham a “imoralidade” dos padres. Apesar da Igreja defender os sete sacramentos e manter o celibato como prerrogativa para o exercício do sacerdócio, muitos padres violavam essas regras. Várias cartas eram enviadas à redação relatando algum escândalo sexual envolvendo os clérigos, o que dava um tom irônico e *jocosos ao jornal*.

Nos primeiros anos de vida, Maria Lacerda estudou num colégio de freiras e teve contato com a religião católica. A escritora afirma ter intencionado ser uma irmã de caridade, posicionamento que modificou-se após ter sido retirada do colégio aos dez anos de idade e ter tido contato com a doutrina espírita. *Durante os quatro anos em contato com a religião católico-romana, eu quis ser irmã de caridade e sonhava todo aquele misticismo dogmático; entretanto era mais medo do inferno do que a tendência religiosa estreita.*<sup>43</sup>

O pai de Maria Lacerda de Moura, Modesto de Araújo Lacerda, foi o responsável pela sua transferência do colégio. Deu-lhe uma educação anticlerical e exerceu grande influência sobre a sua formação intelectual.

*Receptível às idéias do anticlerical, a jovem Maria Lacerda começa então a posicionar-se dentro da sociedade capitalista burguesa. Lê outros pensadores identificados com idéias sociais que lhe deram a coragem e a convicção com que formaria um caráter límpido, incorruptível, libertário e humanitarista que só a morte pôde vencer!*<sup>44</sup>

Os escritos de Maria Lacerda ressaltam o papel/poder da Igreja Católica na sociedade da época, bem como sua intervenção na educação e na conduta moral das

<sup>43</sup> MOURA, Maria Lacerda de. Autobiografia. *O Combate*, n. 5, 03/08/1929. Citado em: LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. Maria Lacerda de Moura - imagem e reflexo. In: BARROSO, Carmen e COSTA, Albertina Oliveira (org.). Op. cit., p. 42.

<sup>44</sup> RODRIGUES, Edgar. Maria Lacerda de Moura, uma mulher diferente. In: *Os libertários*. Rio de Janeiro: VJR, 1993, p. 67.

pessoas. Numa de suas conferências, *Clero e Estado*, promovida pela *Coligação Nacional pró Estado Leigo* do Rio de Janeiro, e publicada pela *Liga Anti-Clerical* em 1931, Maria Lacerda pontuou vários aspectos que justificavam o seu anticlericalismo.

A conferencista cobrou atitude dos ouvintes, tendo em vista que a Igreja exercia forte influência sobre as questões políticas do país, além de ditar normas e comportamentos à população. O imobilismo não poderia preponderar naquele momento, visto que os espaços estavam sendo ocupados e os dogmas difundidos. Para além disso, Maria Lacerda percebia uma aliança entre Igreja Romana e o Fascismo na Itália.

A escritora relacionou a prática inquisitorial ao totalitarismo. O caráter violento da Inquisição e o autoritarismo da instituição durante a Idade Média, negando aos indivíduos liberdade de pensamento, manifestava-se no tempo presente através do Fascismo e da constante imposição de dogmas. Os indivíduos que posicionaram-se contrários aos seus dogmas ao longo da história, tornaram-se seus inimigos, “pecadores”, “endemoniados”, “heréticos”. As “Verdades” presentes no discurso da Igreja buscavam justificar a sobreposição do poder espiritual ao temporal.

*A Roma de hoje é duplamente satânica.  
Iludem-se os que querem aproveitar da cisão entre o fascio e o Vaticano, para reconquistar a liberdade.  
Vaticano, Monarquia e Fascismo entendem-se admiravelmente e lá estão de mãos dadas e se defendem simultanea e mutuamente, no momento oportuno, contra qualquer reivindicação libertaria. (...)  
A Igreja viu no Fascio uma porta aberta para sua intromissão nos negocios do Estado.*<sup>45</sup>

Além da postura ditatorial da instituição, Maria Lacerda ressaltou o lado mercadológico da Igreja, (...) vendendo as missas, os casamentos, o batismo, as indulgências, crisma, extrema unção, absolvições, o enterro, confiscando, provocando, impondo, legitimando a sua rapinagem.<sup>46</sup>, o que a transformava numa grande capitalista da fé. Segundo a conferencista, apesar de exigir uma conduta moral adequada dos fiéis, a Igreja recebia o dízimo de assassinos, estupradores, corruptos, adúlteros, enfim, não adotava sua postura rígida quando estava na condição de comerciante. O poder econômico da Igreja dava-lhe poder político.

<sup>45</sup> MOURA, Maria Lacerda de. *Clero e Estado*. RJ: Editora Liga Anti-Clerical, 1931, p. 8.

<sup>46</sup> *Ibidem*, pp.: 12-13.

Os posicionamentos adotados pela Igreja distanciavam-se completamente, segundo Maria Lacerda, dos propósitos e ensinamentos deixados por Jesus Cristo. Segundo a autora, esta instituição, que num passado bem próximo, havia compactuado com a escravidão, ainda exercia grande domínio sobre as mulheres e os trabalhadores - o que contribuía para a manutenção do sistema capitalista e a permanência da burguesia no poder.

*Aos humildes, aos operarios, á mulher, aos fracos e oprimidos – ensina a resignação, a paciencia, a passividade, a não violencia, o servilismo, a domesticidade, o respeito aos fortes, á autoridade constituida, ensina a resistir ao mal com o bem e a dedicação incondicionalaos poderosos. E, cumplice dos Cesares do ouro e do poder, pratica toda sorte de espoliações e violencias.*<sup>47</sup>

No entanto, Maria Lacerda afirmava que a Igreja Católica exercia poder principalmente sobre a mulher, a começar pela educação religiosa a qual é submetida desde criança. Esses ensinamentos, baseados numa visão machista de mundo, imputavam às mulheres um sentimento de inferioridade e impureza, devido a idéia do pecado original.

A internalização desses dogmas impediam o crescimento intelectual das mulheres, a liberdade de pensamento; havia, na verdade, o “cultivo da ignorância feminina”, para que estas continuassem defendendo a instituição. Nesse sentido, a proposta de educação, tão debatida pela militante - ou seja, uma educação que contribuísse para a transformação do indivíduo, que estimulasse os sentimentos de solidariedade e igualdade, que incentivasse a liberdade individual - entrava em conflito direto com os objetivos da Igreja.

Maria Lacerda questionava a intransigência da Igreja, ao instituir o casamento como uma união divina e indissolúvel. A proibição do divórcio levava à infelicidade de homens e mulheres, obrigados a conviverem eternamente ao lado de alguém que não amavam. A escritora ousou afirmar que *A Igreja é contra o divorcio, mas em certos casos o consente, desde que a transação seja bem paga ou quando se trate de Napoleão ou Carlos Magno.*<sup>48</sup> Um casamento indissolúvel assegurava a constituição de uma família estável, nos moldes da família burguesa.

<sup>47</sup> Ibidem, p. 14.

<sup>48</sup> Ibidem, p. 19.

Na segunda fase do jornal *A Lanterna*, a partir de 17/10/1909, sob administração de Edgard Leuenroth, é possível perceber algumas mudanças em relação à primeira fase, como o fato da folha não ser mais gratuita. Havia representantes do jornal em várias cidades como Guaratinguetá, Santos, Jahú, Rio de Janeiro, Niterói, Palmeiras, Salto de Itú, São Roque, Dobrada, Pirapetinga (Minas), Botucatu, Porto Alegre, Jardinópolis, Franca, e assim por diante. É comum a divulgação de notas avisando que algum companheiro estaria realizando cobranças de assinaturas nas cidades cortadas pela linha do trem.

A ironia e deboche em relação aos clérigos permaneceu. *A Lanterna* passou a lançar concursos nos quais os leitores respondiam a perguntas do tipo: Para que serve o padre? (tema do primeiro concurso) e Com que se parece o padre? (tema do segundo concurso). As pessoas mandavam cartas à redação e as melhores respostas eram divulgadas pelo jornal.

*A reabertura do órgão deu-se em decorrência do assassinato de Francisco Ferrer, no dia 13/10/1909.*

Um semestre

*Com o presente numero, tem A Lanterna um semestre de vida: faz amanhã seis meses que o primeiro numero da nova serie surgiu, lançado á rua sob o impulso da indignação causada pelo infame assassinato monarchico-clerical de Ferrer.*<sup>49</sup>

O aniversário da morte de Ferrer passou a ser lembrado todos os anos através de comícios em praças públicas, conferências e publicações. Essa data transformou-se num marco da luta contra governos intolerantes.

“Cauterios XLVI

*Á memoria de Ferrer*

*Educar para a vida a mocidade,  
Para uma vida forte e sem mentira?  
Horror! Isso é anarchia, isto conspira  
Contra o céu, mais o throno, mais o abbade!  
Morte ao infiel, ao que á loucura aspira!  
A terra é muito nossa propriedade,  
Não deixemos morrer a autoridade,  
Como se esvae o fumo duma pyra!*

<sup>49</sup> Fonte: *A Lanterna*, São Paulo, n. 27, p. 1, 16/04/1910, anno IV.

*Morte ao infiel - E a terra horrorizada  
 Viu a resurreição de Torquemada  
 Dum mar de sangue, horrível e iracundo;  
 Num renascer de inquisitoria sanha,  
 Viu Ferrer succumbir dentro da Hespanha,  
 - Para viver no coração do mundo!*

*Beato da Silva”<sup>50</sup>*

Para além do protesto contra a tirania, o objetivo dos militantes em cultivar a memória de Ferrer era levar adiante as propostas pedagógicas do educador. Era necessário fundar a Escola Moderna no Brasil; educar para uma nova sociedade; criar novos valores; novas condutas; construir uma sociedade ausente de imposições políticas, religiosas ou econômicas.

A aproximação de Maria Lacerda com pensamentos libertários no que diz respeito à educação consiste no entendimento de que educar e ser educado implica na transformação do *status quo*. O fim social do conhecimento é a formação de um ser humano autônomo, solidário, defensor da igualdade e da liberdade. A possibilidade de ver o mundo a partir de outra ótica, que não a do capital, proporcionaria a construção de novos valores culturais. (...) *Dessa forma, a educação libertária não prepara a revolução, ela em si mesma já é a revolução*<sup>51</sup>.

É necessário ressaltar que o posicionamento de Maria Lacerda em relação à educação sofreu várias transformações ao longo do tempo. Num primeiro momento, as discussões direcionavam-se no sentido de investir no ensino racional e científico para *homens e mulheres*. Desde o período em que morava em Barbacena/MG, atuou a favor da educação. Em 1924 Maria Lacerda considerava:

*Os dous se complementam. São diferentes e indispensaveis um ao outro. (...)*

*A obra de educação científica, racional, para ambos os sexos é o mais perfeito instrumento de liberdade. É a extinção da miseria universal, é o accumulo de riquezas, é a contribuição para a solidariedade – a moral do futuro. (...)*

*Faz desaparecer o preconceito de classes elevando mentalmente o povo, dando-lhe ideal.*

*A sciencia verdadeira é tolerante, é a investigação, o respeito á verdade, o beneficio colectivo.*

*A educação moderna deve ser científica, racional.*<sup>52</sup>

<sup>50</sup> Fonte: *A Lanterna*, São Paulo, n. 108, p. 1, 13/10/1911, ano XI.

<sup>51</sup> VALLADARES, Eduardo. Op. cit., p. 23.

<sup>52</sup> MOURA, Maria Lacerda de. Das vantagens da educação intellectual e profissional da mulher na vida pratica das sociedades. *O Internacional*, São Paulo, n. 74, p. 1, 15/05/1924.

Maria Lacerda entendia que a mulher manteve-se *duplamente* escravizada ao longo dos tempos, já que não obteve autonomia em relação ao homem e permaneceu subjugada ao sistema capitalista. Nesse sentido, ambos os sexos deveriam exercer seus papéis políticos na sociedade no sentido de transformá-la, acabando com a exploração, o poder das elites, a ignorância, o machismo. A educação científica seria o meio de desenvolver o potencial transformador do homem e, principalmente, da mulher.

A luta de Maria Lacerda por uma educação científica, racional e ilustrada para homens e mulheres revela ousadia. Por outro lado, a militante, influenciada por uma visão evolutiva de mundo, herdada tanto do positivismo quanto do espiritismo, ressaltava a necessidade da evolução espiritual da “massa”. Entendendo que a população era ignorante, moralmente inferior, a escritora convocava uma vanguarda “messiânica” para atuar na sociedade, com vistas a “iluminar” as consciências domesticadas.

*Todos são accordes afirmando que as unicas revoluções estaveis são aquellas baseadas nas reformas educativas. (...)*

*É preciso operar no inconsciente das massas e não se extirpam dos habitos e das ideias ancestraes, num Golpe de Estado ou de Dictadura, os vinculos do passado. (...)*

*Todas as revoluções foram idealizadas nos sonhos dos precursores.*

*Sem o preparo consciente da élite intellectual: rebeldia e convicções proprias defendidas a custa de um carater energico, incorruptivel; sem fazer nascer e vicejar o ideal de equidade para todos os seres; sem fazer compreender a engrenagem evolutiva dentro de cada nacionalidade e a harmonia que deve presidir a esse accorde internacional (...) inutil qualquer tentativa de transformação radical de uma civilização.<sup>53</sup>*

Ao mesmo tempo que a escritora realizava uma leitura revolucionária daquele momento histórico, principalmente pelo fato de enfrentar a sociedade com suas afirmações igualitárias entre os sexos, ela não rompia com a idéia do progresso moral e com uma visão vanguardista de transformação.

Outro aspecto que revela a visão evolutiva de mundo de Maria Lacerda, é o fato desta referir-se à América Latina como o lugar do atraso moral e material, dada a influência dos valores da Igreja e a ignorância do povo, principalmente mulheres.

---

<sup>53</sup> MOURA, Maria Lacerda de. Aos Intellectuaes. In: **Renascença**. São Paulo, n. 2, pp.: 1-2, 03/1923.

*Quando teremos, pelo menos o espirito forte e a iniciativa da inglesa, da americana, conhecedora das leis de divorcio, das questões do filho natural, investigação de paternidade, instigadora do protesto contra a regulamentação da prostituição?*

*É que as jovens que luctam e se instruem, conhecem as miserias da vida real sem se divertir nos cinemas ou theatros pouco edificantes presenciando scenas eroticas, como nós outros latinos.*

*É que nos collegios lêem, Balzac, Zola, Rosseau, Voltaire, Flaubert, Caudet, etc., etc., obras inglesas e allemãs em todos os generos, para se educar naturalmente, sem preconceitos, sem maldade.*<sup>54</sup>

A emancipação da mulher, portanto, passava também pela aquisição de uma cultura estrangeira e supostamente superior à nacional. A educação ilustrada proporcionaria autonomia, crescimento individual, e abriria os caminhos para a conquista da liberdade em relação ao homem e à sociedade capitalista. Segundo Maria Lacerda, dentro da sociedade brasileira construía-se o seguinte pensamento: *A mulher não precisa pensar: indispensavel entretanto que seja chic, pernostica e tenha prendas*<sup>55</sup>

Transformar aquela realidade significava, naquele momento, buscar experiências estrangeiras bem sucedidas no que diz respeito à luta pela dignidade social da mulher. Contudo, torna-se necessário analisar os registros históricos a partir do contexto no qual eles foram produzidos. Naquele momento, a educação era privilégio da elite brasileira, sendo que à mulher cabia desempenhar tarefas domésticas e manter-se distante de outras discussões. Da mesma forma, a sociedade da época supervalorizava movimentos, idéias e projetos estrangeiros<sup>56</sup>.

No entanto, vale ressaltar que as experiências elencadas por Maria Lacerda foram vivenciadas no seio de sociedades capitalistas, as quais conservam práticas e valores tão combatidos por ela - exploração, elitismo, desigualdade. Nesse sentido, o conhecimento das leis, o contato com as obras de Balzac, Zola, Rosseau, Voltaire, Flaubert, Caudet, contribuíram intelectualmente para a formação daquelas mulheres, mas não revolucionaram aquelas sociedades em seu conteúdo moral e político.

<sup>54</sup> MOURA, Maria Lacerda de. Das vantagens da educação intellectual e profissional da mulher na vida pratica das sociedades. *O Internacional*, São Paulo, n. 74, p. 1, 15/05/1924.

<sup>55</sup> *Ibidem*.

<sup>56</sup> HAHNER, June E. Anarquistas, trabalho e igualdade para as mulheres. In: *A mulher no Brasil*. Tradução de Eduardo F. Alves Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p. 95. Título original: *Women in Brazil*.

A própria escritora, num artigo publicado em 1929, avaliou o conteúdo do livro *Em torno da educação*, publicado em 1918, da seguinte forma: (...) livro patriótico, exaltado, burguesíssimo, cheio de preconceitos e dogmatismo. Não o reconheço mais.<sup>57</sup>

Neste mesmo ano, 1929, José Carlos Boscolo publicou uma série de oito artigos no *Combate*, jornal de São Paulo. Tratava-se da *Proletcultura*, conceito de educação defendido por Maria Lacerda de Moura após ter tido contato com os movimentos femininos e o movimento anarquista em São Paulo. Nesses artigos, o autor fez referência à necessidade da existência de um projeto educacional idealizado e desenvolvido pelos militantes. *A PROLETICULTURA é um ramo da Sociologia destinada exclusivamente a elucidar e ilustrar o proletariado. (...) o ensino (...) deve ser ministrado nos sindicatos por militantes proletários de cultura eficaz (...)*<sup>58</sup>

Boscolo destacou que a escola tradicional reproduzia os dogmas da sociedade burguesa, exaltando os valores da Igreja e do Estado, e difundindo a idéia de normalidade e imobilismo sociais. A *Proletcultura*, ao contrário, deveria cultivar a liberdade de pensamento, ação cotidiana e futura, princípios internacionalistas, arte criativa e estimulante, sentimentos de coletividade e solidariedade. A viabilidade dessa escola dependeria, ainda, do esforço de uma elite proletária ilustrada, sendo Maria Lacerda de Moura uma das pessoas citadas por Boscolo.

Ao trabalhar o tema da educação, Maria Lacerda discutiu a necessidade de abrir espaço para a mulher e o trabalhador, ambos carentes de informação e de formação. Argumentava que o ser humano necessitava de conhecimento para tornar-se uma pessoa melhor, respeitar as diferenças, exercitar a sensibilidade e criar outros meios de intervenção política não baseados na força, na guerra, na submissão ao/do outro.

Através de uma boa educação, a mulher poderia exercer uma maternidade consciente, pensar por si e em si, obter independência intelectual e material em relação a seus pais e maridos. Apesar de existir diferenças psicológicas e fisiológicas entre os sexos, um complementava o outro.

Em *Ferrer, o Clero Romano e a Educação Laica*, 1934, discutiu as propostas de Francisco Ferrer para a educação, vinte e cinco anos após sua morte. Nesse período, a

<sup>57</sup> MOURA, Maria Lacerda de. Autobiografia. *O Combate*, n. 5, 03/08/1929. Citado em: LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. Maria Lacerda de Moura - imagem e reflexo. In: BARROSO, Carmen e COSTA, Albertina Oliveira (org.). Op. cit., p. 42.

<sup>58</sup> BOSCOLO, José Carlos. Proletcultura I - Sociologia. *O Combate*, São Paulo, n. 5046, p. 2, 21/05/1929.

militante realizou forte campanha antifascista e assumiu uma postura mais autônoma, individualista. Afirmava que os grandes gênios da humanidade haviam sido autodidatas, e, portanto, não haviam recebido educação dogmática, ao contrário, teriam traçado seus próprios caminhos sem a intervenção de nenhuma instituição estatal ou religiosa. Segundo a militante,

*Os principios da Escola Moderna constituem a expressão mais alta e profunda da verdadeira educação: "Têm por objetivo, segundo seus estatutos, fazer penetrar efetivamente no ensino e em todos os países, as ideias de ciência, liberdade e solidariedade. Buscar desenvolver os metodos mais apropriados à Psicologia da criança, que permitam obter os melhores resultados com a menor fadiga possível." <sup>59</sup>*

Porém, a escritora considerou Ferrer ingênuo ao acreditar na eficácia do ensino científico no que concerne ao estímulo da solidariedade e liberdade individual. A ciência constituía-se num instrumento do poder, na garantia do armamento da sociedade. Maria Lacerda, apesar dessa ressalva, afinava-se com as propostas do educador.

Ferrer defendia a necessidade de trabalhar, desde cedo com a criança, questões relativas às desigualdades sociais e econômicas presentes no dia-a-dia. Para além disso, Ferrer argumentava que a Escola Moderna deveria adotar métodos pedagógicos que proporcionassem liberdade ao estudante, ao contrário do que ocorria nas escolas convencionais. A criança deveria ser respeitada física, moral e intelectualmente.

Dentro desta proposta educacional estava presente a discussão acerca da inclusão social da mulher, do rompimento de práticas discriminatórias e sexistas. Uma educação livre dos dogmas religiosos e políticos fazia-se necessária naquele momento. Ferrer levou adiante suas idéias até ser morto pelo Estado Espanhol.

O fato ocorrido na Europa em 1909 causou grande indignação nos militantes anarquistas do Brasil e do mundo, sentimento este que impulsionou o processo de organização das pessoas em torno da proposta educacional da Escola Moderna. O jornal *A Lanterna* registrou este momento divulgando vários artigos, como o do dia

<sup>59</sup> MOURA, Maria Lacerda de. **Ferrer o Clero Romano e a Educação Laica**. São Paulo, Editorial Paulista, 1934, p. 17

18/12/1909, o qual noticiava a realização de uma série de conferências por Oreste Ristori, cuja renda seria revertida para a instalação da Escola Moderna de São Paulo.

Esse projeto foi encampado por muitos, confluindo na constituição de uma comissão organizadora formada por: Leão Aymoré (guarda-livros), secretário; Dante Ramenzoni (industrial), thesoureiro; José Sanz Duro (negociante); Pedro Lopes (industrial); Tobias Boni (artífice); Luiz Damiani, Edgard Leuenroth, Eduardo Vassimon, Neno Vasco e Orestes Ristori (jornalista)<sup>60</sup>.

O jornal divulgou, também, a formação da *Associação pró Escola Moderna*, cuja comissão era formada por: Manuel Quesada, thesoureiro (industrial); Manuel Moscoso, secretário (operário); Dr. Caio Monteiro de Barros (advogado); Donato Batelli (industrial); Dr. Cesar de Magalhães (médico); Salvador Alacid (industrial); Myer Feldman, Demétrio Minhama, Adolpho Garcia Varella, Luiz Magrassi (operários)<sup>61</sup>.

Além da comissão organizadora e da associação, os militantes formaram um Sub-Comitê no Belenzinho composto por Felix Casella, A. Feliciano, J. Latronica, P. Soninia e A. Scala.<sup>62</sup>

A campanha pró-Escola Moderna evoluía a medida em que as pessoas iam apoiando o projeto, seja financeira ou politicamente. Foram formados Sub-Comitês em Belenzinho, Cândido Rodrigues e outros, com vistas a apoiar e fortalecer a luta. Percebe-se uma grande mobilização através de conferências, festas, debates, enfim, uma série de eventos realizados para levantar fundos e sensibilizar a sociedade em relação à proposta. A inauguração das duas primeiras escolas foram anunciadas no dia 18/10/1913.

*Escola Moderna - São Inauguradas as duas primeiras escolas - Á rua Saldanha Marinho, 58, no Belemzinho, e na rua Müller, 74, entre o Braz e o Pari, estão instalados essas duas escolas, dirigidas respectivamente pelos companheiros João Penteadó e Florentino de Carvalho.*<sup>63</sup>

<sup>60</sup> Fonte: *A Lanterna*, São Paulo, n. 14, p. 3, 15/01/1910, anno IV.

<sup>61</sup> Fonte: *A Lanterna*, São Paulo, n. 22, p. 3, 12/03/1910, anno IV.

<sup>62</sup> Fonte: *A Lanterna*, São Paulo, n. 24, p. 3, 26/03/1910, anno IV.

<sup>63</sup> Fonte: *A Lanterna*, São Paulo, n. 213, p. 2, 18/10/1913, anno XIII.

A acusação feita contra o educador de que este estava envolvido em rebeliões, fato que justificou o seu assassinato, é infundada segundo Maria Lacerda, pois Ferrer acreditava em revolução a longo prazo, através de uma educação científica e racionalista; não defendia a violência e as guerras como meio de transformação. Tinha o ideal de trabalhar com a criança e o adolescente partindo do princípio de que todos são seres humanos, independente de classe ou sexo. *Dai o caráter revolucionário da Escola Nova - educar pessoas, e não homens, mulheres, pobres, ricos.*

Os posicionamentos de Maria Lacerda em relação à mulher, à Igreja, ao Estado e à educação, devem ser entendidas como elos de uma mesma corrente; partes constituintes de um mesmo projeto de sociedade. A educação é um meio de cultivar *novos parâmetros culturais, combater os dogmas religiosos e políticos da sociedade capitalista.*

A violência doméstica e a prostituição foram analisadas por Maria Lacerda como frutos da moral da época. Ao homem era dado o direito de trair e matar em nome da honra, enquanto que a mulher deveria manter-se virgem até a data do casamento e viver *em função dos filhos e marido.*

A prostituição era vista como um “mal necessário”, pois enquanto existisse essa prática as filhas da elite permaneceriam “inocentes”, “puras”, “virgens”. A cobrança social era tão grande, que várias mulheres cometiam suicídio caso não fossem “honradas” por seus parceiros, ou seja, não se casassem após terem tido relação sexual. *Muitas tornavam-se prostitutas, pois dificilmente encontrariam um “pretendente”.*

Maria Lacerda questionou os valores sociais, o poder e a ordem constituída. Considerou a polícia hipócrita, pois ao mesmo tempo que essa corporação proclamava-se defensora da segurança e dos bons costumes, os policiais matavam, eram violentos e freqüentavam as casas de prostituição da burguesia. As prostitutas perseguidas pela polícia eram pobres, enquanto que os bordéis de luxo permaneciam protegidos por homens de poder.

A partir de um artigo publicado no jornal *Vanguarda*, em dezembro de 1927, que anunciava a ocorrência de um estupro cometido pelo delegado contra uma adolescente de quinze anos, presa sob acusação de furto, Maria Lacerda discutiu:

*Agora, outro aspecto: o delegado “desgraçou” a menor.*

*O culto ao hymen, neste paiz como nos países latinos, é causa de inumeros crimes, de tremendas injustiças, de desgraças incommensuraveis.*

*A hymenolatria é a religião de maior numero de adeptos entre nós, o culto de mais ferozes sectarios.*

*Por causa de uma insignificante pellicula de carne que se rompe, a mulher, ou é a grande dama depois de casada, proceda como proceder, tendo o editor responsavel, ou é a que se “desgraçou” irremediavelmente, a que se destina á prostituição.<sup>64</sup>*

O termo *hymenolatria* e sua associação com a religião vem no sentido de questionar um valor social dogmático: o sexo antes do casamento significava a “desgraça” de uma mulher. Percebe-se, portanto, que o estupro cometido pelo delegado contra a menor era revoltante menos pela ato de violência do que pelo fato da adolescente ter “perdido” a virgindade.

Segundo Maria Lacerda, a sociedade, em geral, cultivava esses dogmas, o que levava muitas mulheres ao desespero. A autora apresentou argumentos científicos para combater essa visão, afirmando que o sexo é uma necessidade fisiológica. A ausência de sexo na vida de uma pessoa contrariava as leis da natureza humana, contrariava as “Leis Cóslicas”. A escritora chamava a atenção para a necessidade de se obedecer a essas leis, e não às convenções sociais.

Argumenta, ainda, que a abstinência sexual poderia levar à loucura, histeria, e, no caso das “solteironas”, à discriminação social. Estas sofriam à espera de um casamento convencional e eram ridicularizadas nas ruas, em função da condição na qual encontravam-se.

*O que não sabemos de physiologia é que os orgams condemnados a não funcionar provocam o desequilibrio de todo o organismo. Ninguém ignora que “todo o orgam corresponde a uma função, e que toda a função é indispensavel para manter a harmonia geral”. Não se comprehenderia a excepção feita para os orgams genitales femininos – si nelles se condensa toda a razão de ser da multiplicação da especie, toda a razão de ser da vida no cyclo de nossa evolução.<sup>65</sup>*

<sup>64</sup> MOURA, Maria Lacerda de. Desgraçada! *O Combate*, São Paulo, n. 4569, p. 2, 01/12/1927.

<sup>65</sup> MOURA, Maria Lacerda de. El hijo de Clara I. *O Combate*, São Paulo, n. 4663, p. 3, 22/03/1928.

Havia, também, aquelas mulheres subjugadas às suas famílias, obrigadas a enclausurarem-se nos conventos, mutilando-se física e psicologicamente. Além de serem impedidas de viver suas vidas livremente, tornavam-se reféns de uma educação dogmática, nada edificante.

A autora deixou explícita a sua posição de que os dogmas criados pela sociedade *serviam a uma elite hipócrita*. O ato de manter-se virgem até o casamento não passava de uma convenção burguesa, que levava à privação de um ato natural: o sexo. Para Maria Lacerda, a emancipação da mulher deveria começar pelo domínio de seu próprio corpo, pela conquista do direito de fazer suas escolhas pessoais. Não era justo viver numa sociedade onde o homem tinha toda liberdade, enquanto que a mulher era castrada ou sentia-se culpada ao obedecer a uma lei natural.

*Não viram que a liberdade sexual do homem é illimitada, que elle não se considera perdido por isso, que se não desgraça porque usa e abusa dessa liberdade e que não é natural nem justo uma moral para cada sexo.*

*E a eterna tutelada, a idiota millenar ainda hoje, em pleno seculo de tantas reivindicações femininas, se esquece da mais importante das suas reivindicações – a de ser dona do seu proprio corpo, a da sua liberdade sexual, a de sêr humano com direito á alegria de viver.*

*E suicida-se porque é “seduzida”, porque a “desgraçaram”, porque está “perdida”.*

*Santa ingenuidade!*<sup>66</sup>

Os registros históricos em análise demonstram o comportamento violento dos homens em relação às mulheres. Maria Lacerda sinalizava que os homens espancavam e matavam suas mulheres porque entendiam que a esposa era propriedade privada do marido. Ao utilizarem-se da força física e de armas contra suas parceiras, os maridos tornavam-se inferiores aos animais, visto que touros e galos também disputam suas fêmeas no reino da natureza, no entanto não as ferem.

Uma vez vista como propriedade privada do homem, a mulher passava a ser escrava do marido. Como as leis eram elaboradas e julgadas por indivíduos do sexo masculino, os assassinos eram sempre absolvidos com o argumento de que “matou para lavar a honra”. Esse tipo de comportamento era observado tanto na elite quanto no

<sup>66</sup> MOURA, Maria Lacerda de. Seduzidas e deshonradas. *O Combate*, São Paulo, n.4581, p.3, 15/12/1927.

proletariado, segundo Maria Lacerda de Moura, e revelava sentimentos inferiores. A violência e o sentimento de posse eram atributos de espíritos não evoluídos.

Matar, violentar, roubar, mentir e explorar foram práticas construídas na sociedade capitalista. O relacionamento amoroso fundou-se nas bases do exclusivismo e do ciúme, fato que contribuía para a ocorrência das tragédias passionais.

*E nas tragedias conjugaes ha, mais ainda, o preconceito perverso de que a mulher é a propriedade inalienavel do homem, é sua presa e tambem é “culpada”, e “deve” submeter-se á “justiça” do proprietario legal ou não, do senhor feudal de um feudo inexpugnavel, acastellado na rotina, nos prejuizos sociaes, na ignorancia cultivada da mulher – a eterna infantil, a tutelada millenar.<sup>67</sup>*

Nesse sentido, Maria Lacerda ressaltou que a única forma de romper com esses dogmas burgueses era criar outros códigos de sociabilidade, a partir de uma visão humanística. A emancipação plena da mulher passava pelo domínio do próprio corpo, mas também pela superação do capitalismo. Neste regime, tanto homens quanto mulheres eram escravos, cada qual com seu papel definido.

À mulher cabia gerar filhos para servirem de soldados nas guerras, caso contrário, seriam cortesãs nos salões da burguesia. Aquelas que não se enquadrassem em nenhum desses dois papéis, tornavam-se “solteirona”, freira ou, na pior das hipóteses, uma prostituta pobre.

*A mulher terá de deixar as suas tolas, infantis reivindicações civis e politicas – para reivindicar a liberdade sexual, para ser dona do seu próprio corpo.*

*É a unica emancipação possivel dentro da civilização – mercado humano, tronco de escravos.*

*Emancipar-se economicamente ou ganhar a vida pelo seu trabalho e emancipar-se pela liberdade sexual.<sup>68</sup>*

Maria Lacerda negava todo tipo de organização fechada e burocratizada. Apesar de ter participado da Federação Internacional Feminina, durante a década de 1920, a

<sup>67</sup> MOURA, Maria Lacerda de. Honra de gallo. *O Combate*, São Paulo, n. 4587, p. 3, 22/12/1927.

<sup>68</sup> MOURA, Maria Lacerda de. A emancipação feminina. *O Combate*, São Paulo, n. 4604, p. 3, 12/01/1928.

militante afastou-se das organizações, em nome do seu individualismo e de sua autonomia.

Numa entrevista cedida ao jornal *O Combate*, a escritora afirmou: (...) *há muito não faço parte de nenhuma associação feminina, ou masculina, ou mesmo de educação, dessas muitas sociedades de educação sem nenhuma educação ... Sou individualista e faço absoluta questão de só representar a mim mesma (...)*<sup>69</sup>

Ao fazer esta afirmação: *só representar a mim mesma*, Maria Lacerda colocava em debate o significado da representação/representatividade no mundo burguês e, ao lado disso, questionava o significado do voto dentro do sistema capitalista. O indivíduo não poderia ser livre se não governasse a si mesmo, e o voto era a renúncia do autogoverno. Da mesma forma, não era livre o indivíduo que governava o outro. *Só temos o direito e o dever de nos governar a nós mesmos*<sup>70</sup>. Num de seus artigos, *A política não me interessa*, publicado em 1933 no jornal *A Plebe*, SP, Maria Lacerda expôs claramente a sua visão sobre o voto dentro da sociedade capitalista.

*O voto? – Nem secreto, nem masculino, nem feminino.*

*O voto secreto? – A confissão pública da covardia, a confissão pública da incapacidade de ostentar a espinha dorsal em linha reta, a confissão pública do servilismo e da fidelidade aviltante de uns, do dominismo das mediocracias legalmente organizadas. (...)*

*O voto não é necessidade natural da especie humana: é uma das armas do vampirismo social. Si tivéssemos os olhos abertos, chegaríamos a compreender que o rebanho humano vive a balar a sua inconsciencia, aplaudindo à minoria parasitaria que inventou e representa a "tourné" da teatralidade dos governos, da politica, da força armada, da burocracia de afilhados – para complicar a vida cegando aos incautos, afim de explorar a todo o genero humano em proveito de interesses mascarados nos idolos do patriotismo, das bandeiras, da defesa sagrada dos nacionalismos e das fronteiras, da honra e da dignidade dos povos ...*<sup>71</sup>

Este posicionamento revela, mais uma vez, as afinidades de Maria Lacerda de Moura com os pensamentos libertários, uma vez que os militantes anarquistas defendiam uma sociedade livre de governos de toda ordem, assim como colocavam-se contrários ao voto. Nesse sentido, Daniel Guérin, em *O Anarquismo*, esclarece que

<sup>69</sup> MOURA, Maria Lacerda de. *Embaixatriz? Não!* *O Combate*, São Paulo, p. 3, 18/09/1929.

<sup>70</sup> MOURA, Maria Lacerda de. *O voto feminino.* *O Combate*, São Paulo, n.4575, p. 2, 08/12/1927.

<sup>71</sup> MOURA, Maria Lacerda de. *A política não me interessa.* *A Plebe*, São Paulo, p. 1, 08/04/1933.

*A palavra anarquia é tão velha quanto o mundo. Deriva de duas palavras do grego antigo: an (sem) e arkhê (autoridade, govêrno), e significa ausência de autoridade ou de govêrno. Mas o preconceito, reinante durante milênios, segundo o qual os homens não poderiam viver sem autoridade nem govêrno, deu ao têrmo anarquia um sentido pejorativo: sinônimo de desordem, de caos, de desorganização.<sup>72</sup>*

O posicionamento de Maria Lacerda a respeito do voto secreto feminino causou grande polêmica entre os segmentos defensores do projeto. Num artigo intitulado, *Carta aberta a Cid Franco*<sup>73</sup>, a autora expôs que havia sido convidada a dar uma entrevista sobre o tema para o jornal *Diário Nacional*, porta-voz do Partido Democrata, mas logo em seguida recebera o comunicado de que a matéria não seria publicada. O artigo denunciou a falta de tolerância dos democratas, o autoritarismo da imprensa, o desrespeito às idéias anti-sociais da escritora, já que várias de suas entrevistas haviam sido censuradas em outras ocasiões.

Maria Lacerda dirigiu-se a Cid Franco, o propositor da entrevista censurada, num tom provocativo, dizendo que a matéria seria publicada em Barcelona, Buenos Aires, Montevideu e na França, e que aqueles países saberiam da atitude autoritária do Partido Democrata brasileiro. A autora associou o autoritarismo do Partido Democrata ao dogmatismo da Igreja, instituição de mantinha seus seguidores subjugados a valores opressores.

*Que especie de liberdade de imprensa, que especie de Democracia quer o partido democrata?*

*Demagogia ou Dictadura?*

*Dizer-se que o "Diario" do partido democrata, forte, pujante, vencedor, teve receio da logica pobre de uma simples opinião de mulher? Não creio.*

*O "Diario" está tão certo da infallibilidade do voto secreto – como a unica cousa que tem o poder de salvar o mundo, a civilização, a humanidade, certo de que o partido democrata é o unico capaz de alevantar o Brasil na ponta dos dedos bacharelicos, está tão convencido dos principios que defende e propaga, que faz como os sacerdotes catholicos: têm tal certeza na crença inabalavel dos seus adeptos que prohibem a leitura dos livros contrarios á religião por elles representada, as leituras contrarias á Igreja e até os inoffensivos sorrisos de Anatole France, os divertimentos de Voltaire, além das leituras que contam cousas dos autos da Fé e das brincadeiras de mau gosto da Inquisição.<sup>74</sup>*

<sup>72</sup> GUÉRIN, Daniel. *O anarquismo*. Rio de Janeiro, Gerninal, 1968, p.19

<sup>73</sup> MOURA, Maria Lacerda de. *Carta aberta a Cid Franco*. *O Combate*, São Paulo, n. 4734, p. 3, 15/06/1928.

<sup>74</sup> *Ibidem*.

A polêmica em torno da questão acentuou-se a partir do momento em que um projeto de lei, que instituía a obrigatoriedade do serviço militar para mulheres, foi apresentado aos congressistas. Muitos deles entendiam que o direito ao voto feminino implicava no dever de servir ao exército. O livro de Maria Lacerda, *Serviço militar obrigatório para mulher? Recuso-se! Denuncio!*, de 1933, surgiu como contraponto a esse proposta.<sup>75</sup>

A escritora contestou essa idéia, tendo em vista que a guerra servia aos interesses da elite. O autoritarismo e a postura fascista do Estado, revelavam-se na obrigatoriedade do voto e do serviço militar, segundo Maria Lacerda. Dessa forma, a militante convocava todos, principalmente as mulheres, a boicotarem esse projeto.

*Não podemos pactuar com o canibalismo desta sociedade de vampiros a sugar todo o esforço humano e cuja preocupação absorvente é inventar meios policiais de repressão à coragem heróica da resistência, é criar meios científicos e emprega-los legalmente na técnica da maldade oficializada.*

*E a mulher, a tutela milenar desta civilização unisexual, a criadora da vida, a sensibilidade trucidada pela prepotência masculina, protesta contra a organização sistemática dos meios de destruição do trabalho e dos meios de morte da juventude.*

*E o seu lema, a divisa da mulher moderna para um mundo melhor – não é a violência do vampirismo social erigido em dogma da Pátria ou do bezerro de ouro.*

*A nossa divisa é um postulado de humanidade:*

*NEM CARNE FEMININA PARA OS PROSTÍBULOS,*

*NEM CARNE MASCULINA PARA AS BOCAS DOS CANHÕES.*<sup>76</sup>

Maria Lacerda denunciou que enquanto os soldados estavam morrendo nas guerras em defesa de seu países, em nome do seu patriotismo, os capitalistas, donos das fábricas de armas, bem como os chefes de governo, enfim, a elite econômica internacional, lucrava com a guerra e o fascismo. O sentimento nacionalista cultivado nas escolas tradicionais, no exército e na imprensa, transformava-se em moeda no mundo capitalista.

Os verdadeiros heróis, na concepção da autora, eram os indivíduos que negavam o sistema - os desertores. Num artigo publicado no jornal *O Combate*, em 1927, Maria Lacerda saudou Georges Chev , um francês que recusou-se a servir ao exército de seu

<sup>75</sup> MOURA, Maria Lacerda de. *Serviço militar obrigatório para mulher? Recuso-me! Denuncio!* 3ª reedição. Guarujá/SP: Editora Opúsculo Libertário, 1999, p. 6.

<sup>76</sup> Ibidem, pp.: 20-21.

país. Teceu vários elogios a este homem, tendo em vista a sua coragem e autonomia. Apesar de ter sido preso, o desertor disse ter agido de acordo com sua consciência. Para a autora, *Georges Chev     um milagre neste momento estúpido de imbecillidade por que atravessa o gênero humano.*<sup>77</sup>

Algumas idéias de Maria Lacerda de Moura ainda soam heréticas para alguns segmentos da sociedade contemporânea, apesar das várias transforma es ocorridas no campo comportamental, com a denominada “revolu o sexual”.

A autora entendia que a humanidade caminhava naturalmente para o matriarcalismo, dentro de uma linha evolutiva, tendo em vista que a família burguesa (a qual *origina-se do regimen da propriedade privada, do roubo e da herança – que também   roubo.*<sup>78</sup>) seria superada em algum momento da história. A partir do momento em que a mulher fosse dona do seu corpo e o homem deixasse de ser proprietário da esposa e dos filhos, a maternidade constituiria no único grau de parentesco entre os seres.

Em outras sociedades, foi possível estabelecer diferentes códigos familiares, dissociados da idéia de posse. A autora recuperou as no es de “cl ”, “matriarcado” e “patriarcado”, para defender a proposta de aboli o do direito de paternidade, tendo em vista que a mulher deveria ter liberdade para escolher o pai de seu filho, sem que isso implicasse em casamento e constitui o de família.

*  na propriedade do “senhor” que se baseia essa coisa commercial, esse contracto legal, essa perversidade que se chama “família”, santificada ainda pela religião que, sempre, em todos os tempos, foi a guarda avançada e feroz da propriedade privada. (...)*

*A família verdadeiramente constituida será a que se basear na maternidade consciente e na livre escolha da mulher ao eleger o põe para o seu filho.*<sup>79</sup>

Os sentimentos cultivados no seio da família burguesa eram o exclusivismo, o sentimento de posse e a domina o do homem sobre a mulher. O meio de combater essa concep o err nea de Amor, segundo Maria Lacerda, era a ado o do *amor plural* como parâmetro para os relacionamentos.

<sup>77</sup> MOURA, Maria Lacerda de. Guerra   guerra. *O Combate*, São Paulo, n. 4560, p. 3, 19/11/1927.

<sup>78</sup> MOURA, Maria Lacerda de. Aboli o legal do direito de paternidade. *O Combate*, São Paulo, n. 4592, p. 3, 29/12/1927.

<sup>79</sup> MOURA, Maria Lacerda de. Aboli o legal do direito de paternidade. *O Combate*, São Paulo, n. 4592, p. 3, 29/12/1927.

Numa série de nove artigos, publicados no jornal *O Combate* - de 26/01 a 02/03 de 1928 - a autora discute, maravilhada, o livro intitulado *Amour Plural* de Han Ryner, pensador francês. Nesta obra, o autor fala das diferentes sensibilidades entre os dois sexos, sinalizando que o caminho para o entendimento mútuo é a aceitação dessas diferenças.

O homem e a mulher são seres tão diversos que parecem não pertencer à mesma raça, segundo Ryner, mas ambos são possessivos. A mulher é exclusivista tanto para dar quanto para receber Amor; em contrapartida, o homem é exclusivista somente para receber, daí o ciúme e a violência dos homens em relação às mulheres.

Nesse sentido, Han Ryner entende que o exclusivismo não deve ter relação direta com o Amor, uma vez que Amar é querer bem ao outro, inclusive àquele que também ama essa pessoa.

*Han Ryner lastima a pobreza do amor unico, proprio dos corações mediocres, das inteligencias de horizontes medidos, da imaginação pouco rica, exclusivista, fechada dentro de um egoismo mesquinho, capaz de odio, porém, incapaz de amar verdadeiramente.*

*O Amor, para Han Ryner, deve ser recebido sempre como uma benção de luz: "Quem quer que seja que marche para o meu Amor, por esse facto somente, torna-se, para mim, um deus" (...) <sup>80</sup>*

Maria Lacerda chamou a atenção do leitor para que este não confundisse o *amor plural* de Han Ryner com promiscuidade. O que o filósofo propõe é a construção de uma nova moral na qual o Amor não seja sinônimo de exclusão, mas sim de envolvimento com a individualidade do outro, mergulho no ser amado. Maria Lacerda considerou a visão do autor muito elevada, fruto de uma harmonia interior vivenciada por poucos.

*Deus, para Han Ryner, é a perfeição interior e a perfeição interior, para esse neo-estoico, é o Amor – Amor desdobrado, largo, infinito, eterno, vindo de profundidades dolorosas, voltado para dentro do proprio ser para poder voltar-se imediatamente para as cryptas sensíveis ou para os abysmos desconhecidos dos outros seres.*

*Por isso, Han Ryner completou o aforismo do templo de Delphos: "Conhece-te a ti mesmo "para aprenderes a amar". <sup>81</sup>*

<sup>80</sup> MOURA, Maria Lacerda de. O amor plural III. *O Combate*, São Paulo, n. 4623, p. 3, 03/02/1928.

<sup>81</sup> MOURA, Maria Lacerda de. O amor plural. *O Combate*, São Paulo, n. 4635, p. 3, 17/02/1928.

A escritora analisou que a constituição dessa nova moral livraria as mulheres dos crimes passionais, prostituição, maternidade indesejada/aborto, casamento obrigatório e suicídio. Uma vez rompido o dogma da *hymenolatria*, estas estariam livres para seguir seus desejos, sem sentimento de culpa e sem estarem submetidas à tutela do pai, marido, irmão. A prostituição, por sua vez, deixaria de ser um “mal necessário” à sociedade. As “solteironas” não teriam mais que esperar por um casamento convencional para vivenciarem a experiência do Amor.

*Só o amor plural será capaz de pôr termo à exploração da mulher, só o amor plural acabará com o infanticídio, só o amor plural terá o condão de fazer desaparecer o typo “solteirona” mutilado no coração e na razão, só o amor plural terá o poder de exterminar a prostituição, dando liberdade à mulher, dando-lhe a noção de dignidade humana no direito a ser livre, a se bastar a si mesma e a divinizar a carne da Maternidade consciente – fôra dos códigos ou prejuízos sociais. Só o amor plural ensinará a mulher a não explorar outra mulher para conservar-se virgem à espera do “esposo” e “proctetor” deante da lei e do sacerdote, atirando sua irmã, irremediavelmente desgraçada na torpeza do pelourinho das casas de “rendez-vous” ou de tolerancia, prostituta ou solteirona – igualmente ludibriadas, igualmente desgraçadas, igualmente exploradas, acorrentadas á gehenna do capitalismo e dos preconceitos sociais.*<sup>82</sup>

A defesa do *amor plural*, indiscutivelmente, causou muito espanto à sociedade da época. Os registros revelam a ousadia da autora, a medida em que propunha a superação da família burguesa para a consolidação da liberdade e emancipação feminina.

Maria Lacerda foi acusada de “destruidora de lares e famílias”, assim como foi acusada de imoral; tudo por ter defendido uma livre união entre homens e mulheres, sem a necessidade de intervenção das leis divinas ou estatais. No entanto, a família era a grande imoralidade daquela sociedade, a medida que mantinha a submissão da mulher ao homem. *A família é, logicamente, a fraude, a mentira, a exploração do trabalho da mulher no serviço doméstico obrigatório só para o “sexo fraco”, - porque é “indigno” do homem, do “sexo nobre”, do “superior”.*<sup>83</sup>

<sup>82</sup> MOURA, Maria Lacerda de. O amor plural. *O Combate*, São Paulo, n. 4641, p. 3, 24/02/1928.

<sup>83</sup> MOURA, Maria Lacerda de. *Religião do Amor e da Belleza*. São Paulo: O Pensamento, 2ª edição, 1929, p. 164.

Para além disso, defendeu o direito da mulher escolher o pai para o seu filho, o que, naquele momento, não estava ao alcance da maioria das pessoas. Os casamentos de conveniência, os filhos do acaso, a criança concebida sem Amor - isto era a imoralidade de uma organização social podre.

Maria Lacerda de Moura foi terrivelmente incompreendida pela maioria de seus contemporâneos, em função do seu pensamento transgressor. Muitas de suas falas foram boicotadas, várias idéias distorcidas, atitudes julgadas. A essas pessoas, a incorruptível mulher declarou:

*Chovam-me sapos de toda parte: eu os comerei sem repugnância, com imenso prazer, que os sonhos me saltam da penna, e das mãos, já não cabem no coração a transbordar de Amor para toda essa pobre Humanidade cega de inconsciência, de fanatismo, de ignorância, em uma palavra, cega de ambição, e da "vontade de poder". Não me defendo, nem accuso. Nem aceito D. Quixotes. O protesto público de solidariedade de dois ou tres amigos verdadeiros, não é a attitude humilhante da defeza: sou um individuo e não uma "dama".*<sup>84</sup>

Maria Lacerda de Moura "engoliu sapos" durante toda sua vida, mas não mais do que "enfiou goela abaixo" dos fascistas, padres, políticos, madames, egoístas, jornalistas e exploradores de sua época.

---

<sup>84</sup> MOURA, Maria Lacerda de. A minha saudação. *O Combate*, São Paulo, n. 4824, p. 1, 27/09/1928.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho retomou algumas discussões teóricas, realizadas durante as décadas de setenta e oitenta, especialmente no que diz respeito à adoção da *biografia* e de *gênero* enquanto categorias de análise historiográfica.

O desvendar do real é o constante ofício do historiador, sendo que os métodos e teorias utilizadas para alcançar esse objetivo são diversos. O estudo histórico-biográfico permite ao pesquisador a construção de um olhar sobre a trajetória de vida de um indivíduo historicamente situado, o qual intervém na sociedade através de suas práticas cotidianas. Essa intervenção, por sua vez, possui um sentido particular (pois partiu de um ser) que não pode ser isolado do todo (sociedade).

As idéias de Maria Lacerda de Moura foram analisadas em relação ao *movimento anarquista do início do século XX no Brasil*, ressaltando o *cunho anticlerical* de seus escritos, suas propostas de educação para homens e mulheres, seu pensamento a respeito do voto e do Estado, além de abordar suas diferenças políticas com as feministas sufragistas.

Torna-se necessário frisar o quanto Maria Lacerda foi ousada em divulgar seus *pensamentos*. *A escritora entrou em confronto com as instituições mais poderosas de sua época, mas manteve-se fiel às suas convicções, assumindo sua postura de anti-social e individualista: E nós outros, as consciências livres os que têm a coragem de ir contra a corrente, somos os indesejáveis aos quaes se procura tirar o trabalho e o pão - para a possível domesticidade e conseqüente prostituição da consciencia.*<sup>85</sup>

O olhar da escritora sobre as relações entre os sexos rompeu com os padrões estabelecidos pelo ideal da família burguesa, pois questionava o casamento de conveniência e indissolúvel, o tabu da virgindade feminina, o poder do marido sobre a esposa e os filhos e a maternidade não planejada, além de reivindicar para a mulher o direito a uma educação livre dos dogmas religiosos. Para além disso, Maria Lacerda entendia que homem e mulher deveriam complementar-se e não competirem entre si.

---

<sup>85</sup> MOURA, Maria Lacerda de. *Clero e Estado*. Op. cit., p. 18.

Quanto aos problemas encontrados ao longo da pesquisa, destaca-se a dificuldade em analisar as fontes sem incorrer no erro de tomar a visão de Maria Lacerda como verdade. Além disso, o risco de realizar um trabalho de exaltação da figura dessa mulher impressionante permeou a pesquisa desde o início.

Vivenciar a experiência acadêmica atualmente pouco tem implicado em produzir ou elaborar diferentes concepções e significados; ao contrário, o trabalho intelectual, em sua maioria, tem sido o de reproduzir algumas idéias, ou até mesmo reunir numa tese uma coletânea de pensamentos. *A prática da reflexão* disputa tempo e espaço com as exigências mínimas de produtividade e com os prazos para entrega de dissertações - 2 anos - e teses - 4 anos. A falta de perspectivas de mudanças no cenário da educação brasileira preocupa os estudantes e futuros profissionais da educação.

Buscar experiências de lutas vivenciadas por homens e mulheres ao longo da história, estimula a caminhada daqueles que deparam-se com um presente duro que, num passado bem próximo, representou a esperança de um futuro promissor.

---

## **FONTES**

### **LIVROS**

MOURA, Maria Lacerda de. **Religião do Amor e da Belleza**. São Paulo: O Pensamento, 2ª edição, 1929.

MOURA, Maria Lacerda de. **Ferrer, o Clero Romano e a Educação Laica**. São Paulo, Editorial Paulista, 1934.

MOURA, Maria Lacerda de. **Serviço militar obrigatório para mulher? Recuso-me! Denuncio!** Guarujá/SP: Editora Opúsculo Libertário, 3ª reedição, 1999.

### **FOLHETOS**

MOURA, Maria Lacerda de. **A mulher e a maçonaria**. SP: Editora Typ. do Globo, 1922.

MOURA, Maria Lacerda de. **Clero e Estado**. RJ: Editora Liga Anti-Clerical, 1931.

### **REVISTA**

MOURA, Maria Lacerda de (diretora). **Renascença**. São Paulo. Fevereiro a julho de 1923.

### **ARTIGOS**

MOURA, Maria Lacerda de. Das vantagens da educação intelectual e profissional da mulher na vida pratica das sociedades. **O Internacional**, São Paulo, n. 74, p. 1, 15/05/1924.

MOURA, Maria Lacerda de. Ciencias basicas e auxiliares da Pedagogia. **A Plebe**, São Paulo, n. 235, p.3, 24/05/1924.

MOURA, Maria Lacerda de. Guerra á guerra. **O Combate**, São Paulo, n. 4560, p. 3, 19/11/1927.

MOURA, Maria Lacerda de. Desgraçada! **O Combate**, São Paulo, n. 4569, p. 2, 01/12/1927.

MOURA, Maria Lacerda de. O voto feminino. **O Combate**, São Paulo, n. 4575, p. 2, 08/12/1927.

MOURA, Maria Lacerda de. Seduzidas e deshonradas. **O Combate**, São Paulo, n. 4581, p. 3, 15/12/1927.

MOURA, Maria Lacerda de. Honra de gallo. **O Combate**, São Paulo, n. 4587, p. 3, 22/12/1927.

MOURA, Maria Lacerda de. Abolição legal do direito de paternidade. **O Combate**, São Paulo, n. 4592, p.3, 29/12/1927.

MOURA, Maria Lacerda de. Feminismo? Caridade? **O Combate**, São Paulo, n. 4598, p. 3, 05/01/1928.

MOURA, Maria Lacerda de. A emancipação feminina. **O Combate**, São Paulo, n. 4604, p. 3, 12/01/1928.

MOURA, Maria Lacerda de. Carpe horam. **O Combate**, São Paulo, n. 4610, p.3, 19/01/1928.

MOURA, Maria Lacerda de. O amor plural I. **O Combate**, São Paulo, n. 4616, p. 3, 26/01/1928.

MOURA, Maria Lacerda de. O amor plural (continuação). **O Combate**, São Paulo, n. 4617, p. 6, 27/01/1928.

MOURA, Maria Lacerda de. O amor plural III. **O Combate**, São Paulo, n. 4623, p. 3, 03/02/1928.

MOURA, Maria Lacerda de. O amor plural IV. **O Combate**, São Paulo, n. 4628, p. 3, 09/02/1928.

MOURA, Maria Lacerda de. O amor plural. **O Combate**, São Paulo, n. 4635, p. 3, 17/02/1928.

MOURA, Maria Lacerda de. O amor plural VI. **O Combate**, São Paulo, n. 4640, p. 3, 23/02/1928.

MOURA, Maria Lacerda de. O amor plural. **O Combate**, São Paulo, n. 4641, p. 3, 24/02/1928.

MOURA, Maria Lacerda de. O amor plural VII (conclusão). **O Combate**, São Paulo, n. 4646, p. 3, 01/03/1928.

MOURA, Maria Lacerda de. O amor plural (conclusão). **O Combate**, São Paulo, n. 4647, p. 3, 02/03/1928.

MOURA, Maria Lacerda de. O Dragão e as Virgens. **O Combate**, São Paulo, n. 4651, p.3, 08/03/1928.

MOURA, Maria Lacerda de. O Dragão e as Virgens II. **O Combate**, São Paulo, n. 4657, p.3, 15/03/1928.

MOURA, Maria Lacerda de. El hijo de Clara I. **O Combate**, São Paulo, n. 4663, p. 3, 22/03/1928.

MOURA, Maria Lacerda de. Han Ryner I. **O Combate**, São Paulo, n. 4675, p.3, 05/04/1928.

MOURA, Maria Lacerda de. Leoncio Correia Versus Mme. Chysanthème. **O Combate**, São Paulo, n. 4680, p.3, 12/04/1928.

MOURA, Maria Lacerda de. Han Ryner II. **O Combate**, São Paulo, n. 4686, p. 3, 19/04/1928.

MOURA, Maria Lacerda de. Han Ryner III. **O Combate**, São Paulo, n. 4692, p.3, 26/04/1928.

MOURA, Maria Lacerda de. Ibsen e a Academia de Letras. **O Combate**, São Paulo, n. 4703, p.3, 10/05/1928.

MOURA, Maria Lacerda de. Han Ryner IV. **O Combate**, São Paulo, n. 4709, p. 3, 17/05/1928.

MOURA, Maria Lacerda de. Han Ryner V. **O Combate**, São Paulo, n. 4715, p. 3, 24/05/1928.

MOURA, Maria Lacerda de. Han Ryner VI (conclusão). **O Combate**, São Paulo, n. 4721, p. 3, 31/05/1928.

MOURA, Maria Lacerda de. Domesticando. **O Combate**, São Paulo, n. 4730, p. 2, 11/06/1928

MOURA, Maria Lacerda de. Carta aberta a Cid Franco. **O Combate**, São Paulo, n. 4734, p. 3, 15/06/1928.

MOURA, Maria Lacerda de. O Mexico e a Associação Internacional Biocsmica. **O Combate**, São Paulo, n. 4739, p. 2, 21/06/1928.

MOURA, Maria Lacerda de. O Mexico e a Associação Internacional Biocsmica (conclusão). **O Combate**, São Paulo, n. 4745, p. 3, 28/06/1928.

MOURA, Maria Lacerda de. A sciencia a serviço da degenerescencia humana. **O Combate**, São Paulo, n. 4753, p. 3, 06/07/1928.

MOURA, Maria Lacerda de. A Sciencia A Serviço Da Degenerescencia Humana - VORONOFF. **O Combate**, São Paulo, n. 4758, p. 2, 12/07/1928.

MOURA, Maria Lacerda de. Banditismo? Legalidade?. **O Combate**, São Paulo, n. 4768, p. 3, 24/07/1928.

MOURA, Maria Lacerda de. Voronoff. **O Combate**, São Paulo, n. 4773, p. 3, 30/07/1928.

MOURA, Maria Lacerda de. Ainda Voronoff. **O Combate**, São Paulo, n. 4787, p. 3, 15/08/1928.

MOURA, Maria Lacerda de. De Amundsen a Del Prete. **O Combate**, São Paulo, n. 4794, p. 2, 23/08/1928.

MOURA, Maria Lacerda de. De Amundsen a Del Prete. **O Combate**, São Paulo, n. 4800, p. 3, 30/08/1928.

MOURA, Maria Lacerda de. De Amundsen a Del Prete (conclusão). **O Combate**, São Paulo, n. 4806, p.3, 06/09/1928.

MOURA, Maria Lacerda de. Manifesto aos Estudantes Brasileiros. Alerta! Mocidade. **O Combate**, São Paulo, p. 3, 12/09/1928.

MOURA, Maria Lacerda de. O Futuro Imperio do Fascio. **O Combate**, São Paulo, n. 4823, p. 1, 26/09/1928.

MOURA, Maria Lacerda de. A minha saudação. **O Combate**, São Paulo, n. 4824, p. 1, 27/09/1928.

MOURA, Maria Lacerda de. Manifesto aos estudantes brasileiros. **O Combate**, São Paulo, n. 4837, p. 3, 17/10/1928.

MOURA, Maria Lacerda de. Foi uma vóz isolada. **O Combate**, São Paulo, n. 4841, p. 3, 17/10/1928.

MOURA, Maria Lacerda de. Foi uma Vóz “Irreflectida” e Única. **O Combate**, São Paulo, n. 4851, p. 2, 29/10/1928.

MOURA, Maria Lacerda de. Annita Garibaldi. **O Combate**, São Paulo, n. 4870, p. 3, 21/11/1928.

MOURA, Maria Lacerda de. Jinarajadasa e Mussolini. **O Combate**, São Paulo, n. 4882, p. 3, 05/12/1928.

MOURA, Maria Lacerda de. Guerra á Guerra!. **O Combate**, São Paulo, n. 4895, p. 3, 20/12/1927.

MOURA, Maria Lacerda de. Sandino. **O Combate**, São Paulo, p. 2, 16/01/1929.

MOURA, Maria Lacerda de. A politica clerical do sr. Antonio Carlos. **O Combate**, São Paulo, n. 5003, pp.: 7-8, 30/03/1929.

MOURA, Maria Lacerda de. Notas de Psychologia I. **O Combate**, São Paulo, n. 5006, p. 5, 03/04/1929.

MOURA, Maria Lacerda de. Bôa Sorte - Cadeia Perpetua. **O Combate**, São Paulo, n. 5015, p. 7, 13/04/1929.

MOURA, Maria Lacerda de. O extermínio da civilização Incasica. **O Combate**, n. 5024, São Paulo, p. 3, 24/04/1929.

MOURA, Maria Lacerda de. A Tragedia do Magisterio Chileno. **O Combate**, São Paulo, n. 5030, p. 3, 02/05/1929.

MOURA, Maria Lacerda de. A Tragedia do Magisterio Chileno II. **O Combate**, São Paulo, n. 5033, p. 3, 06/05/1929.

MOURA, Maria Lacerda de. A Tragedia do Magisterio Chileno III. **O Combate**, São Paulo, n. 5037, p. 3, 10/05/1929.

MOURA, Maria Lacerda de. A Tragedia do Magisterio Chileno (conclusão). **O Combate**, São Paulo, n. 5044, p. 6, 18/05/1929.

BOSCOLO, José Carlos. Proletcultura I – Sociologia. **O Combate**, São Paulo, n. 5046, p. 2, 21/05/1929.

BOSCOLO, José Carlos. Proletcultura II – Arte. **O Combate**, São Paulo, n. 5047, p. 6, 22/05/1929.

BOSCOLO, José Carlos. Proletcultura III – História. **O Combate**, São Paulo, n. 5048, p. 4, 23/05/1929.

BOSCOLO, José Carlos. Proletcultura IV – História – Moral. **O Combate**, São Paulo, n. 5049, p. 4, 24/05/1929.

BOSCOLO, José Carlos. Proletcultura V – Dictadura. **O Combate**, São Paulo, n. 5050, p. 8, 25/05/1929.

BOSCOLO, José Carlos. Proletcultura VI – Educação. **O Combate**, São Paulo, n. 5051, p. 4, 27/05/1929.

BOSCOLO, José Carlos. Proletcultura VII – Ensino de odio – Ensino de amor. **O Combate**, São Paulo, n. 5052, p. 5, 28/05/1929.

BOSCOLO, José Carlos. Proletcultura VIII – Soldadinhos de chumbo. **O Combate**, São Paulo, n. 5053, p. 4, 29/05/1929.

MOURA, Maria Lacerda de. Notas de Psychologia (2<sup>o</sup>). **O Combate**, São Paulo, n. 5064, p. 4, 11/06/1929.

MOURA, Maria Lacerda de. Homenagem a Séverine. **O Combate**, São Paulo, n. 5065, p. 3, 12/06/1929.

MOURA, Maria Lacerda de. Aos Estudantes de São Paulo. **O Combate**, São Paulo, n. 5067, p.:1-6, 14/06/1929.

MOURA, Maria Lacerda de. Santo Antonio. **O Combate**, São Paulo, n. 5070, p. 4, 18/06/1929.

MOURA, Maria Lacerda de. Um Dia a Bordo. **O Combate**, São Paulo, n. 5095, p.4, 17/07/1929.

MOURA, Maria Lacerda de. Mais um Dia a Bordo. **O Combate**, São Paulo, n. 5096, p. 4, 18/07/1929.

MOURA, Maria Lacerda de. Os revolucionários no exílio. **O Combate**, São Paulo, n. 5134, p. 1, 31/08/1929.

MOURA, Maria Lacerda de. Uma entrevista com Maria Lacerda de Moura. **O Combate**, São Paulo, p. 3, 14/09/1929.

MOURA, Maria Lacerda de. Embaixatriz? Não!. **O Combate**, São Paulo, n. 5149, p. 3, 18/09/1929.

MOURA, Maria Lacerda de. Conservadores ou Revolucionarios?. **O Combate**, São Paulo, n. 5151, p. 3, 20/09/1929.

MOURA, Maria Lacerda de. Conservadores ou Revolucionarios? (conclusão). **O Combate**, São Paulo, n. 5158, p. 3, 28/09/1929.

MOURA, Maria Lacerda de. O Alcoolismo e a Questão Social. **O Combate**, São Paulo, n. 5176, p. 3, 19/10/1929.

MOURA, Maria Lacerda de. O Alcoolismo e a Questão Social II. **O Combate**, São Paulo, n. 5178, p. 2, 22/10/1929.

MOURA, Maria Lacerda de. O Alcoolismo e a Questão Social III. **O Combate**, São Paulo, n. 5179, p. 3, 23/10/1929.

MOURA, Maria Lacerda de. O Alcoolismo e a Questão Social IV. **O Combate**, São Paulo, n. 5182, p. 3, 26/10/1929.

MOURA, Maria Lacerda de. O Alcoolismo e a Questão Social V. **O Combate**, São Paulo, p. 3, n. 5186, 30/10/1929.

MOURA, Maria Lacerda de. O Alcoolismo e a Questão Social VI. **O Combate**, São Paulo, n. 5187, p. 3, 01/11/1929.

MOURA, Maria Lacerda de. O Alcoolismo e a Questão Social VII. **O Combate**, São Paulo, p. 3, n. 5189, 05/11/1929.

MOURA, Maria Lacerda de. O Alcoolismo e a Questão Social VIII. **O Combate**, São Paulo, n. 5191, p. 3, 07/11/1929.

MOURA, Maria Lacerda de. A Crise do Café I. **O Combate**, São Paulo, n. 5195, p. 3, 12/11/1929.

MOURA, Maria Lacerda de. A Crise do Café II. **O Combate**, São Paulo, n. 5199, p. 3, 18/11/1929.

MOURA, Maria Lacerda de. A Crise do Café III. **O Combate**, São Paulo, n. 5201, p. 3, 20/11/1929.

MOURA, Maria Lacerda de. A Crise do Café. **O Combate**, São Paulo, n. 5206, p. 3, 26/11/1929.

MOURA, Maria Lacerda de. A Crise do Café V. **O Combate**, São Paulo, n. 5218, p.3, 11/12/1929,

MOURA, Maria Lacerda de. A Política não me interessa. **A Plebe**, São Paulo, p. 1, 08/04/1933.

MOURA, Maria Lacerda de. Profissão de fé. **A Lanterna**, São Paulo, n. 388, p. 3, 09/02/1935.

## **BIBLIOGRAFIA**

BORGES, Vavy Pacheco. O historiador e seu personagem: algumas reflexões em torno da biografia. In: **Horizontes**, Bragança Paulista, n. 19, p. 01-10, jan./dez. 2001.

CHAIA, Miguel. Biografia: Método de reescrita da vida. In: **Biografia: sintoma da cultura** (Coleção Psicanálise & Conexões). São Paulo: Hacker Editores, 1997.

CORREIA, Francisco. Mulheres libertárias: um roteiro. In: PRADO, Antonio Arnoni (org.) **Libertários no Brasil - memória, lutas, cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2ª edição, 1987.

COSTA, Rogério da. A espessura do nome. In: **Biografia: sintoma da cultura** (Coleção Psicanálise & Conexões). São Paulo: Hacker Editores, 1997.

DUBY, Georges. **Guilherme, o Marechal ou o melhor cavaleiro do mundo**, Lisboa, Ed. Estampa, 1986.

FERNANDES, Vanusa Alves Viana. **O feminismo anarquista de Maria Lacerda de Moura**. Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, 1995, (Monografia).

FONTANA, Josep. Reflexões sobre a história, do além do fim da história. In: **História: análise do passado e projeto social**. Bauru/SP: EDUSC, 1998.

FOOT HARDMAN, F. **Nem pátria, nem patrão: vida operária e cultura anarquista no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

GOLDENBERG, Ricardo. A história do fim da análise. In: **Biografia: sintoma da cultura** (Coleção Psicanálise & Conexões). São Paulo: Hacker Editores, 1997.

GUÉRIN, Daniel. **O anarquismo**. Rio de Janeiro: Germinal, 1968.

HAHNER, June E. Anarquistas, trabalho e igualdade para as mulheres. In: **A mulher no Brasil**. Tradução de Eduardo F. Alves. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. Título original: Women in Brazil.

HOBBSBAWN, Eric. Dentro e fora da história. In: **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LEITE, Míriam Lifchitz Moreira. Maria Lacerda de Moura - imagem e reflexo. In: BARROSO, Carmen e COSTA, Albertina Oliveira (org.) **Mulher, Mulheres**. São Paulo: Editora Cortez/ Fundação Carlos Chagas, 1983.

\_\_\_\_\_. **Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura**. SP: Ática, 1984.

\_\_\_\_\_. Maria Lacerda de Moura e o anarquismo. In: PRADO, Antonio Arnoni (org.) **Libertários no Brasil - memória, lutas, cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2ª edição, 1987.

\_\_\_\_\_. Maria Lacerda de Moura e a década de 20. In: SOUSA, Vera Lúcia P. (coord.). **Caderno Espaço Feminino**. Uberlândia, V. 3 ½, jan./dez., 1996.

\_\_\_\_\_. Aspecto do segredo: Maria Lacerda de Moura. In: FUKUI, Lia (org.) **Segredos de Família**. São Paulo: AnnaBlume, 2002.

LEVILLAIN, Philippe. Os protagonistas: da biografia. In: RÉMOND, René. **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ / Editora FGV, 1988.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escalas. A experiência da microanálise**. RJ: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

MALCOLM, Janet. **A mulher calada**. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

MATOS, Maria Izilda. História das mulheres e gênero: usos e perspectivas. In: SOUSA, Vera L. P. (coord.). **Caderno Espaço Feminino**. Uberlândia, V. 3 ½, jan./dez., 1996.

MOURA, Maria Lacerda de. **A mulher e a maçonaria**. SP: Ed. Typ. do Globo, 1922.

\_\_\_\_\_. **Religião do Amor e da Belleza**. São Paulo: O Pensamento, 2ª ed., 1929.

\_\_\_\_\_. **Clero e Estado**. RJ: Editora Liga Anti-Clerical, 1931.

\_\_\_\_\_. **Ferrer, o Clero Romano e a Educação Laica**. São Paulo: Editorial Paulista, 1934.

\_\_\_\_\_. **Serviço militar obrigatório para mulher? Recuso-me! Denuncio!** Guarujá/SP: Editora Opúsculo Libertário, 3ª reedição, 1999.

MUNAKATA, Kazumi. **A legislação trabalhista no Brasil**. SP: Brasiliense, 1981.

ORIEUX, Jean. A arte do biógrafo. In: DUBY, Georges e outros. **História e nova história**. Lisboa: Teorema, 1986.

PARIS, Robert. Dossier: Biografia. Biografias e “perfil” do movimento Operário – Algumas reflexões em torno de um dicionário. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo: vol. 17, n.º 33, 1997.

PORTER, Roy. História do corpo. In: BURKE, Peter (org.) **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar - A utopia da cidade disciplinar (1890-1930)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

\_\_\_\_\_. **Anarquismo & Feminismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1998.

RODRIGUES, Edgar. Maria Lacerda de Moura, uma mulher diferente. In: **Os Libertários**. Rio de Janeiro: VJR, 1993.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental. Transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (org.) **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

SEVCENKO, Nicolau O prelúdio republicano: astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: Fernando Novais (org.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 1993, v. 3.

SOIHET, Raquel. História, Mulheres, Gênero: contribuições para um debate. In: **Gênero e Ciências Humanas. Desafios às Ciências desde a perspectiva das mulheres**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tentos, 1997.

TELLES, Vera da Silva. Movimentos sociais: reflexões sobre a experiência dos anos 70. In: WARREN, Ilse S. e KRISCHKE, Paulo J. (org.). **Uma reflexão no cotidiano?: os novos movimentos sociais na América do Sul**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

THOMPSON, E. P. Prefácio. In: **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

VALLADARES, Eduardo. **Anarquismo e anticlericalismo**. São Paulo: Editora Imaginário, 2000.

## **ANEXOS**

### **ARTIGOS DE MARIA LACERDA DE MOURA**

- 1 - Desgraçada! **O Combate**, São Paulo, n. 4569, p. 2, 01/12/1927.
- 2 - Seduzidas e deshonradas. **O Combate**, São Paulo, n. 4581, p. 3, 15/12/1927.
- 3 - Honra de gallo. **O Combate**, São Paulo, n. 4587, p. 3, 22/12/1927.
- 4 - O amor plural VI. **O Combate**, São Paulo, n. 4640, p. 3, 23/02/1928.
- 5 - A minha saudação. **O Combate**, São Paulo, n. 4824, p. 1, 27/09/1928.
- 6 - A Política não me interessa. **A Plebe**, São Paulo, p. 1, 08/04/1933.

# Desgraçada!

"Estava presa na delegacia do 23.º districto uma menor de 15 annos de idade e que era accusada da pratica de um pequeno furto.

O commissario all de serviço levou-a para o quarto do delegado onde a desgraçou".

"Vanguarda).

Não comprehende mais nada.

Dentro das contradictorias normas da moral burgueza — capitalista — tudo é um chaos ou melhor: tudo é feito para o prazer bestial do mais forte.

Ha uma policia para assegurar os bons costumes, para velar pelo bem estar social e, entretanto, a historia de todos os tempos nos mostra que é essa mesma policia, que é essa mesma força armada a causadora de violencia de toda especie e, ao mesmo tempo, a defensora, a salvaguarda da moral, dos bons costumes, da instituição sagrada da familia burgueza.

Nas guerras, nas revoluções, nos sitios, nas delegacias — o soldado ou o official viola mulheres e está de serviço para velar a segurança publica.

A policia de costumes vigia ferozmente a prostituição barata e são os altos commissarios dos bons costumes os frequentadores assíduos dos "cabarets", das casas de tolerancia, do "Casino" e dos bordeis.

E' para elles reservado o que ha de "melhor"...

Prendem, maltratam a pobre mulher que procura ganhar o pão nas calçadas, á custa de sacrificios inauditos, de humilhações ferozes dos clientes de toda especie, entretanto, a alta prostituição, a prostituição miseravel dos salões "chics" é cultivada carinhosamente para o prazer

vive nababescamente, que exige roubos fantasticos, para a sua manutenção, que se presta a seducções de diplomatas — para a compra e venda de munições de guerra dos grandes industriaes da chacina — em nome do dever sagrado da defesa da patria adorada, idolatrada, salve, salve!....

Mas, a menina teria ficado desgraçada?

Exclusivamente porque perdeu o hymen?

Quando chegará a mulher a comprehender toda essa farça, ignobil, toda a tragedia do seu sacrificio, quando sentirá que o seu corpo é sua propriedade e de mais ninguem e quando reivindicará o seu direito de ser humano para ensinar a esses jornalistas idiotas que são elles os desgraçados, porque nada perceberam da vida e do amor ao proximo: para ensinar aos commissarios da policia e dos bons costumes que um acto praticado, violentamente, contra quem quer que seja, só pôde desgraçar a quem o pratica, desgraça-o mesmo até o fundo da alma, si é que essa gente tem alma para sentir algo de nobre e generoso.

Desgraçada!

Porque desgraçada, si é uma victima indefesa desta miseravel ordem social de castens e proxenetas, de "allumeurs" e "parvenus", de ladrões e de commissarios da policia e dos bons costumes?

Perdida!

Porque perdida, si a sua alma não foi conspurcada, si a sua consciencia encontrou um meio de conhecer melhor, de conhecer de perto as fealdades e as miserias das delegacias, dos bons costumes, e da gente hones-

vada carinhosamente para o prazer brutal dos coronéis da política e da indústria.

Prendem, maltratam, violam uma menina acusada de pequeno furto, uma menor irresponsável, entretanto, estão a serviço dos homens de Estado, de bandidos de casaca, ladrões do erário nacional, políticos profissionais em negociatas rendosas, a serviço do capital assassino de milhões de vítimas sob todas as formas imagináveis — estendendo os mil braços do Briareu insaciável por onde quer que respire uma criatura humana.

• • •

Agora, outro aspecto: o delegado "desgraçou" a menor.

O culto ao hymen, neste paiz como nos paizes latinos, é causa de innumerados crimes, de tremendas injustiças, de desgraças incommensuráveis.

A hymenolatria é a religião de maior numero de adeptos entre nós, o culto de mais ferozes sectarios.

Por causa de uma insignificante pellicula de carne que se rompe, a mulher, ou é a grande dama depois de casada, proceda como proceder, tendo o editor responsável, ou é a que se "desgraçou" irremediavelmente, a que se destina á prostituição.

Por sua vez, a prostituição é declarada pelos sociologos burguezes como uma necessidade, a salvaguarda da sociedade.

Jogo idiota de palavras, astucia, machiavelismo.

E' perseguida, todavia, "pour épater les bourgeois", já se vê; e perseguida ferozmente — a necessidade, a salvaguarda da castidade, da innocencia das "jeunes-filles", das "demoiselles" da alta e da pequena burguezia.

E' incrementada, é homenageada. Por outro lado, a alta prostituição, a prostituição elegante, aquella que

dos bons costumes, e da gente honesta?

Porque perdida ou desgraçada si o commissario, agiu dentro dos principios da moral burgueza capitalista em que a mulher é apenas o instrumento do prazer bestial de todos os commissarios do ouro, da industria e do poder?

Si essa menina não passa de machina de prazer ou instrumento de baixa volupia, si é mais um numero no quadro doloroso da prostituição das calçadas — para alimentar parcamente esse pobre corpo habituado já á miséria, á nudez, aos máos tratos e para saciar a fome brutal de clientes desgraçados como esse commissario, porque é ella a perdida?

Pobre humanidade!

Quando chegaremos a comprehender que nenhum acto, nenhuma incidente na vida nos perde, si a nossa consciencia se aviva atravez desse acto ou dessa attitudo, si a nossa consciencia nos illumina melhor as varedas interiores, si uma lagrima ou um sorriso nos ensina algo de mais profundo ou de mais doloroso?

Essa menina cresceu dentro de si mesma e uma revolta sagrada como um fôco de luz inunda todo o seu ser de sacrificada dentro de uma civilização de barbaros insaciáveis.

Desgraçada, não: illuminada pelo dor.

A menina que se desgraçou a si mesmo com o gesto brutal do seu instincto, com a sua perversidade inominavel, aproveitando-se dos direitos que essa miseravel moral pharisaica concede ao seu sexo faminto de baixezas e de autoritarismo.

Ou não chego a comprehender coisa alguma ou o desgraçado é o que abusou da fraqueza de uma criança.

MARIA LACERDA DE MOURA

# Seduzidas e deshonradas

Multiplicam-se, assombrosamente, as notícias de suicídios diários: moças seduzidas pelos namorados, com promessas de casamento.

Impressionou profundamente o espirito publico a revelação dos casos referentes á professora Lazara Santos e á menor Virginia Belchior.

Os jornaes procuram tirar a sua responsabilidade, apontada no ruído com que tratam de todos os pormenores, publicando cartas e noticiando os incidentes e particularidades das tragedias amorosas.

Mas, a imprensa é, realmente, quem cultiva, quem incita, quem tem maior culpa no crescendo desses attentados á propria vida.

Os jornaes são feitos sob a rigidez perversa da moral burgueza-capitalista e feitos, na sua maioria, pelos homens, — bem installados na vida sob o ponto de vista sexual, — e, si ha mulheres nas redações, tambem ellas pensam e agem dentro da hypocrisia pharisaeica e moralitista dessa moral fossilizada e cheia de crimes. E, pelo código dessa moral, a mulher virgem, que se entrega ao namorado ou ao seductor, não tem outra cousa a fazer senão se suicidar, si é abandonada. E' que, dentro dessa moral, a moça está "perdida", "deshonrada", "desgraçada", e tem de carregar o peso de todos os qualificativos que procuram inutilizar para a vida uma criatura humana.

Nunca a perversidade dos sóres que se julgam racionais foi mais longe do que na concepção estreita de que a mulher (animal seguindo a evolução pela mesma escala zoológica de todos os animaes, com as mesmas necessidades physiologicas e os mesmos direitos do individuos na multiplicação da especie e na liberdade sexual), nunca a maldade humana desceu tão baixo quando decretou que a mulher deve guardar a virgindade para entregal-a ao "esposo", somente dentro da lei, em certo dia determinado pelos paes, pelo escrivão de paz e pelo padre e diante do testemunhas e convidados os quaes ficam sabendo: é naquella noite que se rompe uma pellicula de carno do

somos mais selvagens e tão primitivos quanto os mais primitivos dentro todos os selvagens.

Mas, dentro da moral convencional desses indios civilizados e por isso mesmo mais brutos e mais insaciáveis, o homem tem a sua partilha de leão, não é de admirar. Todavia, o que espanta é a attitude servil da mulher — a imbecillizada secular —, a sua attitude mental fechada para perceber a idiotice da moral christã (em nome do Christo quantas barbaridades se commettem!) que quer submettel-a á gehenna das leis mesquinhas dos homens, privando-a da liberdade de governar o dirigir o seu proprio corpo, como o entender, direito que cabe, na escala zoológica, a todos os animaes.

Depois, a educação ou a deseducação feminina e a rotina, a tradição se encarregam do que falta para fechar, num círculo de ferro, o cerebro da mulher e não deixal-o raciocinar e vêr a tutela millenar que a tem submettida pelos preconceitos e pelos dogmas religiosos — exclusivamente para o prazer bestial do sexo forte que, por ser forte, é o mais bem aquinhoado.

Dahi o suicidio de tantas energias bellas e moças — crime praticado pela sociedade legalmente organizada, pela moral pharisaeica dos christãos piedosos e caridosos — cujo portavoz é a imprensa burgueza, quer seja governista ou opposicionista, religiosa ou laica. Essas moças não raciocinaram um instante sequer para perceber tambem que o nosso coração tem mais de uma primavera, que o amor pode ser renovado, que amamos mais de uma vez na vida, de accôrdo com as nossas etapas de evolução. Não sentiram que as nossas idades de ouro, os 15 annos, os 25, os 30 e os 40 nos ensinam experiencias inéditas e sempre mais bellas progressivamente, e nos dizem cousas lindas atravez das illusões do amor que, em todas as idades, tem a sua perfumada estação de sonhos e de esperanças novas.

Desfelta uma illusão, outra virá, mais bella, povoar de inagens a nossa mente irrequieta, na escalada de

temunhas e convidados os quaes ficam sabendo: é naquella noite que se rompe uma pellicula de carno do seu corpo, chamada hymen.

Que de humilhações tem soffrido a mulher atravez da historia desta humanidade tão deshumana!

E aí daquella que se esquece do protocolo. Si, hoje, não é lapidada, si não é enterrada viva como as vestaes, si não é apedrejada até a morte, si não soffre os supplicios do poviléo fanatico de outros tempos, inventou-se o suicidio: é obrigada a desertar da vida por si mesma, porque a litteratura, a imprensa, toda gente aponta-a com o dedo, vociferando o "desgraçada", "perdida", "deshonrada", "deshonesta", abrindo-lhe, no caso contrario, as portas da prostituição barata das calçadas, com todo o seu cortejo de miserias, de syphills, de bordels, de humilhações, do hospital e da valla commum.

Miseravel moral de coronels, de covardes e de cretinós! E o homem cresce com as suas aventuras, adquire prestigio, fomas e glorias até mesmo e principalmente entre o elemento feminino.

E' incrível até aonde vae a imbecillidade humana, a perversidade dessa moral christã, tão divorciada do meigo Nazareno: "quem não tiver peccado que atire a primeira pedra".

Dentro da concepção estreita e má dessa moral de escravos e senhores, o mesmo acto praticado por dois individuos de sexo differente tem significações oppostas: a mulher se degrada, torna-se immoral, deshonestá, deshonorada, está desgraçada, perdida irremediavelmente si não encontra um homem para lhe dar o título de "esposa" perante a lei e as convenções sociaes, enquanto o homem é o mesmo, talvez tendo adquirido mais valor de estimação perante as próprias mulheres, e sendo invejado pelos outros homens.

Essa moral nada differe da moral de algumas tribus primitivas que os ethnographos do gabinete estudam com curiosidade e admiração, esquecendo-se de que nós, os civilizados,

Desfalta uma illusão, outra vira, mais bella, povoar de inagens a nossa mente irrequieta, na escalada de uma evolução mais alta.

E si uma experiencia amorosa nos deixa o travo da amargura, é, por sua vez, degráo para sublr os visos de uma illusão maior.

Não perceberam que a moral burguesia-capitalista fez, de uma pellicula da carne feminina uma religião, a hymenolatr'a, pela qual sacrificam a mulher no altar dos prazeres para o sexo masculino.

Não viram que a liberdade sexual do homem é illimitada, que elle não se considera perdido por isso, que se não desgraça porque usa e abusa dessa liberdade e que não é natural nem justo uma moral para cada sexo.

E a eterna tutelada, a idiota milenar ainda hoje, em pleno seculo de tantas reivindicações femininas, se esquece da mais importante das suas reivindicações — a de ser dona do seu proprio corpo, a da sua liberdade sexual, a de ser humano com direito á alegria de viver.

E suicida-se porque é "seduzida", porque a "desgraçaram", porque está "perdida".

Santa ingenuidade!

Porque pôr fim á sua "vergonha", si isso que os jornalistas fossilizados ou perversos chamam de "vergonha" não é mais do que a iniciação em a mais bella das Leis Cosmicas, das Leis Naturaes, a Lei da multiplicação da especie, o "abc" da Lei Maxima: a Lei do Amor, a Lei da Harmonia Universal?

E é desprezando as Leis Naturaes, as Leis não escriptas — que os homens, servindo a interesses tão egoistas, tão pequeninos, escrevem e legislam as suas leis de uma perversidade lamentavel, encurrelando o coração humano na janla de ferro de uma "justiça" de fogo, matando a sensibilidade das criaturas na aridez de uma moral fria, sem alma, tórpo, assassina de milhões de victimas sacrificadas no templo do Moloch dos preconceitos sociaes.

Pobre humanidade!

Maria Jacerda de Moura.

# Honra de gallo

"Enquanto a esposa dormia applicou-lhe uma machadada na cabeça."

"Louco de ciúmes, attrahiu a companheira para um lugar deserto e matou-a e caniveleços."

(Dos jornaes)

Dois touros se golpeiam ferozmente por causa de uma novilha. As pernas enrijadas em musculos de aço sustentam a lucta nas pontas capazes de estragar as visceras do adversario.

Combate de forças fantasticas e não é possível nem se quer tentar separar os dois brutos.

Guerra de morte, guerra sem treguas, combate singular em que a victoria deve caber ao mais valente.

O vencedor cambaleia exausto, escorrenco, batido, deshonrado...

O vencedor ergue gloriosamente a cabeça e vai farejar a sua conquista de animal, e o seu prestigio cresce e o seu andar e toda a attitude do seu corpo possante indicam o orgulho de ser forte, a validade de ser unico.

Dois gallos sangram-se com os esporões valentes, arrastados ambos pela força selvagem dos instinctos baixos de egoismo feroz, pela energia incoherente, impulsiva dos seres primitivos — dentro do objectivo de vencer pelas armas naturaes, de dominar sozinho, de ser o unico macho no terreiro, o dono, o invencivel, o senhor exigente, proprietario exclusivista de toda uma ninhada.

Homem! Não tens vergonha de te nivelares no gallo, no touro, nos que vencem com as esporas, as pontas, as garras ou os dentes?

Es, o qual covardes acrescentaste ás tuas armas naturaes, ás armas de fogo e ás armas brancas.

A tua honra, essa honra que "lavas" no sangue da tua victima, essa tua honra problematica, encanotada, pela força da lei, da rotina e das convenções sociais, no corpo da tua companheira indigna, essa tão decantada honra é a honra do gallo, do touro, do cão ou do gato.

O egoismo ancestral, é o instincto da testa-ferrô, é a validade feroz do macho, e nada mais.

Não surgiste ainda de entre a bestialidade do animal, o ser que se diz racional, evoluído, civilizado!

As tragedias conjugaes, os ciúmes cruetinosos são as luctas dos gallos no terreiro ou dos garrotes no curral.

E esses mesmos donos, proprietarios legaes ou convencionaes do sexo oposto fazem o efeito de gallos nos currais.

Instinctos baixos do animal egoista até o exclusivismo do clume, injustificavel numa criatura evoluída.

Quando chegaremos a comprehender que a mulher, como o homem, é a dona do seu proprio corpo e delle pôde e deve dispor á vontade, illuminada pela sua consciencia — a unica lei para o que aprenden a respeitar-se a si mesmo?

A mulher, como o homem, evoluiu pela mesma escala zoologica, e tem as mesmas necessidades physiologicas e o mesmo direito á liberdade de eleger, para seu companheiro, o que lhe parece melhor, sob o ponto de vista da sua capacidade para admirar: como animal bello ou forte, como mentalidade ou como superioridade moral.

Que direito tem o homem de impedir as suas experiencias através do amor como através de todas as contingencias da vida?

Que pôde todo o arsenal dar armas contra o sentimento affectivo, contra a livre escolha do coração, contra o Amor em qualquer das suas manifestações?

O latino é theatral e ridiculo, consequentemente. E' além de tudo, fanfarrão, grotesco na sua valentia de gallo de rinha.

Mas, não diverte esse palco, esse scenario de tragedias dolorosas, mesmo quando o protagonista se entrega á pollecia e confessa, valente, cynica ou altivamente o acto em que devia defender e "lavar" a sua honra, conspurcada pela esposa ou pela companheira indigna.

E é doloroso verificar que a maioria dessas tragedias se dá nos meios proletarios.

O proletario, escravo do capital e do salario sacrifica a sua escrava, por sua vez.

A mulher é duplamente escravizada: é a escrava social nesta organização burguezza-capitalista que vive da exploração do homem pelo homem e é a escrava do homem, a tutelada millenar na civilização que nunca a considerou senão como objecto de prazer ou de trabalho, e a machina de procrear carne para canhões.

E é o operario sacrificado quem sacrifica a pobre escrava ignorante, a imbecillizada secular através do dogma religioso e da força bruta do senhor ex-

logues ou convencionner do sexo oposto, fazem criação de gallos para se divertir, como homens miúdos que se divertem com as brigas dos garotos.

É por trás dos tapumes e das cercas, a fazendeiro e os "camaradas" assistem, radiantes, à lucta entre os dois touros invencíveis.

Sorriem entre si como si sorrissem por, as fraquezas das crianças. Entretanto, procedem exactamente com a mesma fúria infantil e selvagem, indomável e primitiva dos que começam a esboçar o cyclo da vida. São os mesmos instinctos, as mesmas forças vibrando incoherentes em meio do tumultuoso vir-a-ser, do esforço de todas as cousas — para a harmonia universal.

A differença é que o touro não maltrata a novilha que se dá no vencedor, nem o gallo esporeia as gallinhas que se entregam no mais valente. A lucta é apenas entre os dois machos para a conquista e a gloria do primeiro entre os primeiros. Conquista de selvagens, gloria de appetite brutal insaciavel.

É nas tragedias conjugaes ha, mais ainda, o preconceito perverso de que a mulher é a propriedade inalienavel do homem, é sua presa e tambem é "culpada", e "deve" submeter-se á "justiça" do proprietario legal ou não, do senhor feudal de um feudo inexpugnavel, enatellado na rotina, nos prejuizos sociais, na ignorancia cultivada da mulher — a eterna infantil, a tutelada mollejar.

É julzes, magistrados, accusadores, jurados são outros tantos machos a defender os seus direitos e é por isso que os matadores de mulheres são sempre absolvidos pela lei — cúmplice na "deusa sagrada da honra" do sexo masculino.

É a civilização, a sociedade: curral de touros, scenario de rinha.

Espectaculo deprimente mesmo para quem se considera o rei da criação, o ser racional, civilizado pelo christianismo.

Pobre Nazareno que andava pregando por toda parte: "Não matarás; Não julgues para não serdes julgados; Quem não tiver peccado que atire a primeira pedra. Amal-vos uns aos outros."

É em nome dessa doçura, dessa bondade, desse amor, que os homens estrangulam as suas companheiras ou se estrangulam entre si, como os tigres e os chuenes.

É a rotina é implacavel: no theatro, na imprensa, na litteratura, na educação, no pulpito como nos palcos, na sociedade como na familia — tudo inclina á defesa dessa honra de brutos, dessa honra da besta-féra encurralada nos

lignos e da força bruta do senhor exigente e egoista.

Mas, convem notar: os crimes passionaes se verificam mais communmente nos palcos latinos, nos palcos da minoria catholica... O "Holland" theatral, o hespanhol "vallen'e", o portuguez e o brasileiro catholicoes feudales, é o cavalleiro nadante das "castellas" e "unjos" e "deusas" e rainhas" o protagonista nos scenarios dos crimes passionaes.

Ninguem me convence de que o Amor é exclusivista, egoista e criminoso.

Essa gente mata em nome do Amor com os inquisidores e os autos de fe quelmayum vivas nas criaturas em nome daquelle Christo simples, cheio de bondade, illuminado de belleza, aureolado de serenidade e paz e grandeza interior.

O Amor não mata, o Amor é fonte de vida, e é através do amor que os seres sobem a escadada da evolução para uma finalidade mais alta.

O que mata, o que se vinga, o que tem clumes, o exclusivista é o ser inferior, dominado pelo instincto dos animales bestializados, impellido pela mesma força inconsciente, pela mesma vibração selvagem, brutal, que estimula o gallo, o touro, o tigre ou a panthera a luctar para a posse exclusiva da femella.

É a honra "lavada" pelo homem não passa do instincto bestial das pantheras, dos touros ou dos gallos no terreiro.

As expressões retumbantes, as palavras, a linguagem humana estão a serviço das paixões, das bulzegas, das misérias sociais, a serviço do instincto e da força armada.

Honra de gallos de rinha, dignidade de touros, reivindicações de brutos famintos, insaciaveis.

Quando comprehendermos a necessidade de uma educação no inverso, o combate ao exclusivismo em amor, no cluime, quando sentiremos o risento desse "lavar da honra" dos nossos gallos e dos nossos touros de formas humanas.

É si a mulher resolveisse representar o papel de certos insectos, do gafanhoto, por exemplo, para defender-se do egoismo do macho, ou tambem para defender e lavar a sua honra, não ficaria uma só cabeça masculina para espiar nos outros que o exclusivismo ou o egoismo sexual é odioso e irracional, é proprio dos brutos e não dos seres humanos civilizados, moralitistas phariseicos, christãos caridosos e piecosos...

Maria Lacerda de Moura

# O Amor Plural

V I

Cartas de amor tão lindas, tão profundamente humanas!

Em uma dellas, Maria Luiza procura levar Orpheu a "fazer a educação" de Denise antes do seu encontro, porque é indigno "enganar" a quem quer que seja, quanto mais a quem amamos ou a quem nos ama, pois, "por tua culpa, o que deveria ser pura harmonia, torna-se aventura".

Si o amor plural tendo a supprimir os crimes passionaes, o exclusivismo do crime animal, já seria admiravel a sua força renovadora do caracter, da dignidade humana, o fazer desaparecer a mentira, as mentiras sem conta, o habito de enganar, a necessidade de illudir para adquirir uma liberdade truncada, para viver aventuras que deixam na bocca o amargo do remorso e do desprezo de si mesmo, o recelo e o pavor de despedaçar, talvez, uma felicidade anterior, quicá insubstituivel.

E supprimir os crimes passionaes, o infanticidio, ensinar o respeito á vida do semelhante não é o sufficiente para fazer admirar e desejar que o amor plural entre nos costumes? mes?

Ignorar o crime, saber respeitar a liberdade integral daquelle ou daquelle a quem amamos, não será

realizar já uma grande felicidade? Não será contribuir directamente para a felicidade de outrem?

E quando amamos bastante, não teremos prazer em ajudar ao bem-amado a realizar a sua felicidade?

Quando sabemos amar, não gosamos uma alegria interior harmoniosa si vemos aquelle a quem amamos aureolado do amor de outro ser?

Não será desejavel chegarmos a amar aquelle que ama o nosso amor? Que superioridade moral a de quem sabe amar assim!

E quando não houver segredos, quando sómente a lealdade predominar no complexo affectivo, todos nós seremos ligados por um reconhecimento indefinido, pela mais deliciosa das gratidões: é o respeito á dignidade humana. Desapparecerá a ironia perversa com que a sociedade trata o que é ludibriado, o que é considerado fraco ou tolerante.

Mas, Han Ryner desnuda a sua sinceridade para quem tem coragem de ouvir a sinceridade e mente com doçura a quem prefere a mentira.

Em relação a Denise, quando se despede para ir ver Maria Luiza: "Doce ser facil de contentar-se, porque te perturbar segundo o ideal de Maria Luiza e te forçar a ver, quando, por instincto ou voluntariamente,

te, tu te desvias?"

A proposito de Irma com suas exigencias descabidas e a quem teve de mentir: "Esse genero de mentira me irrita contra quem me força a pratical-o. Uma das minhas occupaões, durante a viagem, foi procurar ter algum remorso: não o consegui."

Mas, quando passou a Denise um telegramma desculpando-se com uma evasiva para ficar um dia mais com Maria Luiza, foi Maria Luiza que, indulgente, disse a Raymond: — "Deixemos aos doentes o tempo do se curar e cedamos sem muito espanto aos seus caprichos. Envie os telegrammas. Na sua proxima visita Orpheu saberá não mais mentir."

— "Tenho o direito e o dever de não dizer o que magoaria", responde Orpheu.

E é sempre essa certeza da sinceridade e essa duvida vaga, doce, pleçosa do mimetismo amoroso, essa sinuosidade complexa de uma bella consciencia vivendo a vida intima das criaturas para amal-as segundo o seu temperamento, a sua força de character ou a sua fraqueza incapaz de comprehender.

"As mais fortes deante do trabalho, do poema, da alegria, ante a dor ou a morte, mostravam-se fracas aqui: "se me enganares (obstinavam-se em dar á palavra "enganar" o sentido pueril) pelo menos que eu não saiba. Amor ou piedade, trate de bem mentir."

"Minha Eurydice nunca desconfiou dos meus outros amores. A mentira me era penosa, era a ella, porém, que a verdade ia ferir cruelmente.

"Por vezes eu tinha, como depois de um crime, a ingenuidade do re-

morso. Nas horas da consciencia se revoltava das aprendidas o eu e ta luz, a minha sorte cia."

Que força interior necessaria para que guir, no intimo da cla, o que nos ensina educação, a rotina vem das nossas crypt fundo, forças contrar vencendo, nas criate nas vulgares, a tradi a influencia ancestr. narcotico para adorm de nós mesmos, o q humano e sincero.

Toda gente se vê. simples e admiraveis humana. Todas as n mesmas expressões de gativa, fide lidade da os homens têm essa morso e tvida e ciara e risonha para quezas" de cada dia, "peccados" de impeni

Mas, pensar dá tr: a consciencia num ba lyzar-se a si mesmo, ros de lesa-fellicidad. tar realizar-se é só percorreram os cami foram arrebatados ao no pelo Amor, pelo Amor que redime e o diviniza..

Han Ryner é meta nha, mas, não se de sonho unico, nem se de sonhos que const

ras claras, minha con-  
oltava contra as cou-  
o eu via, em sua jus-  
a sorridente innocen-

73  
terior formidável é  
que saibamos distin-  
o da nossa conscien-  
ensinaram, o que a  
ina fez de nós e o que  
s cryptas, do Eu pro-  
contrarias em luta,  
criaturas fracas ou  
a tradição, o passado,  
ancestral, deprimente,  
adormecer o que vem  
o que é natural e  
ro.

se vê nessas paginas  
iraveis de psychologia  
s as mulheres têm as  
ões de fidelidade ne-  
lade da carne, e todos  
n essas phases de rela-  
la e essa indulgencia  
a para as suas "fra-  
da dia, para os seus  
impenitentes.

dá trabalho, revolver  
um banho de luz, ana-  
mesmo, examinar os er-  
ellicidade humana, ten-  
se é só dos seres que  
s caminhos da dor e  
ados ao rebanho huma-  
o, pelo puro e santo  
lime e eleva e santifica

é metaphysico livre, so-  
se deixa levar por um  
nem se prende ás cadeias  
e constityem escolas ou

theorias ou seitas ou igrejas. E' mys-  
tico deante da belleza interior, ante  
es deuses que cantam e sonham por  
entre os nossos abysmos de luz. E'  
pagão, pantheista de um pantheismo  
humano na multiplicidade das almas  
cu dos seres que vagam, fluctuantes,  
indecisos uns, realizados outros, den-  
tro da nossa consciencia mysteriosa  
ou da nossa super-consciencia di-  
vina.

Em "Les Pacifiques" define bem  
a sua metaphysica luminosa, a sua  
religião de Harmonia, o seu mysti-  
cismo ante o Amor Universal; deixa-  
mos essa adoravel perspectiva para  
quando analyzarmos "Les Pacifi-  
ques" e a maravilhosa concepção da  
Atlantida imaginada pela bondade  
do Mestre amado e admirado.

Sendo profundamente religiozo,  
adepto dessa Religião da realizaçã  
interior, religião do "espírito livre  
que medita, que ama e que sorri",  
Han Ryner fez Maria Luiza sonhar  
um Orpheu mystico, e metaphysico  
nos seus devanelos estellares, vagos,  
ondulantes, procurando os seres que  
sonham o aspiram a realizações mais  
altas, nas cathedraes de sonhos re-  
flectidas nos oasis da nossa vida  
affectiva de deuses involuidos em  
procura de si mesmos... Cuidado, ó  
almas que vos buscaes:

A's vezes, é essa mesma belleza  
interior, essa inquietação tormentosa,  
essa procura de si proprio que nos  
faz deixar escapar a hora presente,  
correndo atrás de miragens que se  
evaporam e criam outras miragens,  
roubando-nos o momento que passa,  
na angustiosa proclissão da duvida e  
da ansiedade de quem se perdeu no

labyrintho de si mesmo. E' a razão  
por que tambem os grandes amores  
nem sempre se entendem. Muitos  
são os caminhos e as ansiedades, as  
torturas são tantas que as encreazi-  
lhadas se bifurcam em direcções que  
se afastam...

Como é difficil a realização inte-  
rior e como é bella se queremos, ao  
mesmo tempo, espalhar a felicidade e  
manter um equilibrio elegante e har-  
monioso na defesa da nossa propria  
felicidade.

E que boa vontade é precisa, que  
Amor profundo deve existir para dois  
seres superiores se quererem muito  
amorosamente, apesar das circum-  
stancias da vida, mau grado a inquie-  
tação angustiosa da tormenta inte-  
rior de cada um, embora a conspira-  
ção de tudo quanto contribue para os  
afastar após o primeiro beijo e as  
primeiras deliciosas intimidades.

E' necessaria a fusão das duas al-  
mas no desejo intenso de agradar,  
de acariciar, de se despersonalizar,  
mantendo a individualidade, de evi-  
tar qualquer attrito capaz de deixar  
a magua, a duvida, a incerteza da  
sinceridade reciproca.

E é dentro da Lei Cosmica de Gra-

vação Universal, dentro das leis  
atomicas de "affinidade electiva", é  
dentro das Leis Naturaes que o Amor  
traça as suas orbitas Incommensura-  
veis e desconhecidas para nós, e  
vive o mysterio das correntes de at-  
tractão, systema planetarib cuja ma-  
jestosa belleza escapa á percepção da  
nossa mentalidade fechada para al-  
çar a alturas tão surprehendentes,  
curta para escalar esses abysmos de  
luz e de eternidade.

Mas, desde que appareçam, que  
saltem aos olhos as diferenças pro-  
fundas entre dois temperamentos de  
individuos, desde que a affinidade  
não vá aos mais reconditos sentimen-  
tos e ás idéas mais geraes, parece  
irreconciliavel esse grande amor en-  
tre os dois seres que se não conhe-  
ciam bem, que se enganaram, tal-  
vez.

Mas, ficará a super-amizade e a  
doce recordação de uma illusão bem  
viva ainda, transmutada na dellicada  
intimidade de duas almas que conti-  
nuam a se querer, livremente, que se  
não esquecem, que se prodigalizam  
alegrias de natureza tambem supe-  
rior, nobres, duradouras.

(Continua amanhã)

Maria Lacerda de Moura

## A MINHA SAUDAÇÃO

AOS QUE ME INSULTARAM, AGGREDIRAM, CALUMNIARAM HONTEM; AOS QUE ME INJURIAM, AGGRIDEM, CALUMNIAM HOJE; AOS QUE ME VÃO OFFENDER, ATACAR, AGGREDIR, CALUMNIAR AMANHÃ

(Maria Lacerda de Moura)

Não costumo responder aos ataques da imprensa. Nunca respondi, e não pretendo responder aos insultos. As provocações, as calumnias com que buscam me visar, através da independência com a qual defendo as minhas verdades interiores, injurias que não me atingem.

Ou melhor: enquanto eu estiver no gozo das minhas faculdades mentais e dentro do equilíbrio das idéas em harmonia com o meu caracter, enquanto a minha consciencia for o meu unico juiz, a benção de luz da minha vida interior — a resposta ao despeito, ao fanatismo, ao sectarismo, ás injurias, ás calumnias, será continuar a pensar e a viver nobremente a coragem excepcional de dizer, bem alto, o que penso, o que sinto, o que sonho, embora toda a covardia do rebanho humano apesar dos escribas e phariseus da moral social.

As criaturas, eu nunca as alvejei pessoalmente nos meus escriptos. Os factos e os seres, delles me sirvo como pretexto para ensaios em torno do problema humano, sob o ponto de vista do meu individualismo, ou "vontade de harmonia", para estudar a psychologia dos homens e das mulheres atrelados ao coche da vida social, para analysar, para escarpellar, para philosophar ante as dores do mundo que fez da vida, tão bella, a perversidade moral, legalmente organizada.

Chovam-me raios de toda a parte: eu os comerei sem repugnancia, com immenso prazer, que os sonhos me saltam da penna, e das mãos, já não cabem no coração a transbordar de Amor para toda essa pobre Humanidade cega de inconsciencia, de fanatismo, de ignorancia, em uma palavra, cega de ambicao, e da "vontade de poder". Não me defendo, nem acuso. Nem eccito D. Quixotes. O protesto publico de solidariedade de dois ou tres amigos verdadeiros, não é a attitude humilhante da defesa: sou um individuo e não uma dama.

Uma só arma existe bastante forte, fundida no cadinho das verdades cosmicas, uma unica arma e resiste aos golpes das aggressões, das ignominias: é o Amor, é a piedade com que olhamos os desatinos de todo o genero humano, arrebatando no torvelinho louco da civilização industrializada.

Não jogo as mesmas armas ou os mesmos processos por crime de injurias contra os meus inimigos de idéas: armas á minha disposição, atiro-as com desprezo aos pés dos moralistas ou dos duellistas fanaticamente patotas, que dellas melhor sabem servir.

Injurias e calumnias não se pagam com dinheiro, nem se resgatam com palavras offensivas, nem se lavam com sangue. A minha concepção da dignidade humana é outra.

As minhas armas são os meus sonhos, é a minha vida subjectiva, é a minha consciencia, a minha liberdade ethica, é essa harmonia que canta dentro de mim, e toda a minha lealdade para commigo mesma: e eu não maculo a minha riqueza de vida, o meu thesouro interior, envolvendo-o na mesquinhez e na perversidade das leis dos homens ou misturando-o com dinheiro, essa coisa horrivel que corrompe as consciencias mais convencidas da sua

fortaleza inexpugnavel, e as escuras, acorrentando-as á gehenna do industrialismo, a chocar-se umas contra as outras na engrenagem sordida da exploração do homem pelo homem.

Os meus sonhos, essa "vontade de harmonia", o meu credo: só para amor foi feita a vida — toda a minha philosophia individualista e subjectiva que eu pretendo realizar, cada dia mais, todo o meu esforço para uma pureza interior cada vez mais alta, a minha arma — o Amor — quebra as setas aggressivas, distribuindo as injurias com o silencio bom de uma piedade immensa, tão alta que não quer humilhar.

O odio rubro, queimado como a ponta do ferro incandescente, duro, pesado, affirma-se e prolonga a dureza brutal do seu effeito, proporcionalmente á violencia dos dois encontros, si dois odios se chocam na impetuosidade arrebatada de sua furia.

Mas, si o odio vai de encontro a um espaço vasto, se se atrita em torno o sorriso doce de uma harmonia subjectiva que tenta voar por sobre o tempo e o espaço, si o odio vem como a força da destruição e não encontra nenhum obstaculo na sua passagem fulgora, então, tem de extinguir-se no desalento da solidão.

Ou volta, como um dardo, por sobre o aggressor...

Eu quero ser um espaço harmonioso, onde o odio se extingue na impotencia de encontrar a força para a dureza chocante, brutal, do ultrage reciproco.

(D' "O COMBATE" de 12-9-28)

# A POLITICA NÃO ME INTERESSA

O voto? — Nem secreto, nem masculino, nem feminino.

O voto secreto? — A confissão publica da covardia, a confissão publica da incapacidade de ostentar a espinha dorsal em linha reta, a confissão publica do servilismo e da fidelidade aviltante de uns, do domínio das mediocridades legalmente organizadas.

Democracia? — Ferrero a definiu: "este animal cujo ventre é imenso e a cabeça insignificante".

O voto não é necessidade natural da espécie humana: é uma das suas do vampirismo social. Si tivermos os olhos abertos, chegaremos a compreender que o rebanho humano vive a balar a sua inconsciência, aplaudindo a minoria parasitaria que inventou e representa a "tournee" da teatralidade dos governos, da politica, da força armada, da burocracia de afilhados — para complicar a vida com os incautos, afim de explorar a todo o genero humano em provelto de interesses mascarados nos ídolos do patriotismo, das bandeiras, da deusa sagrada dos nacionalismos e das fronteiras, da honra e da dignidade dos povos.

Depois, a rotina, a tradição, a escola, o patriotismo cultivado, carinhosamente, para que a carnejada louve, em unisono, o cutelo bem afiado dos senhores. A religião, a familia se encarrega do que falta para desfiar o individuo.

O voto, a legislação interesseira — mequinha dos pés da Patria, Parliamentos, Senados, Constatados, Ditaduras, Imperios, Reinos, Republicas, Exercitos, Embaixadas, Liga das Nações, Paz armada, Alexandre, Cesares, Mussolini — "escultores de montanhas", símbolos da esquerda do roubo humano, ídolos que se substituem e se equivalem, brinquedos perversos de crianças grandes, sonhos transformados em "verdades mortas", infancia, avilamento de paranoicos.

A politica é um trapézio.

Direitos do povo, sufrágio universal... palavras, dentro do demagogico ha uma alma de tirano. Cuida a mascara que atrai o rebanho humano, o ditador salta no pedestal da politica, as duas mãos ocupadas: em uma, o "manganelo"; na outra, o oleo de ricino.

Tem razão Aristoteles: "O meio de chegar á tirania é ganhar a confiança da multidão: o tirano começa sempre por ser demagogo. Assim fizeram Pisistrato em Athenas, Téagene em Mégara, Denys em Syracusa".

Assim fez Mussolini.

Quando um Rev Barbaosa, por exemplo, falava tão alto contra os nobres pés da patria, é porque tinha na alma o despeito louco de não ter sido elevado ao pico máximo da vontade de poder.

Em politica, age-se de modo inverto: os tribunos demagogos adulam o povo, elogiam a soberania do povo, proclamam os direitos do povo, prometem a felicidade do povo e sobem, empurrados pela ambigüidade nacionalista e pelo servilismo e decilidade do povo, mas representado pela "população de cima".

Quem quiser subir aos picos da vontade de poder, não procura as vozes desacombradas e nem toma decisões sem ouvir a direção do seu partido. Obedecer é a escola de quem quer mandar.

O politico é um acrobata e, para algum ser acrobata tem de principiar cedo a deslincar todas as juntas.

O politico quando sobe ás culminancias da gloria e do poder, já se dobrou tanto, já se curvou, já se humilhou, já fez de tal modo o corpo em arco e a alma em cameleão

parte de um partido definido, com declaração de principios e afirmações categoricas e ação metódicamente organizada para derrubar partidos contrarios ou dogmas religiosos que veem ferir os nossos dogmas e pôr diques á nosa desevollura apostolica!...

Quando a imprensa é só louvor aos "eleitos" de cada partido politico; si ninguém quer ouvir senão "o que interessa aos meus planos e aos projetos e decisões do meu partido; si todos se preocupam com o cidadão e desprezam o homem livre, si se trata de ser sempre contra alguém, para subir, para vencer, custo o que custar; si obedecemos á lei em prejuizo da conciencia; si fechamos os olhos para não ver e nos servimos da logica como instrumento para abafar as vozes sinceras; si semeamos o odio e as ambições, nas farças politicas dos nacionalismos de partidos a se degladiarem pelo asso da vontade de poder, pelo asso do dominismo e da gloria politica — abrimos alas a uma ditadura mussoliniana com todas as arqui-nidadas do "manganelo", batuta da orquestração paranoica do stivismo elevado á altura de genio, e que ha de representar, condignamente a dignidade de Consul, como aquele cavallo celebre.

Tambem nós, insensivelmente, pouco a pouco, preparamos o ambiente para que surja, neste país, um capataz, rebengo em punho, para gaudio dos acrobatas molucos das democracias de demagogos.

Somos uma nação de leis.

E Sócrates já dizia: "é a lei que corrumpo os homens. Quem quer que aconselhe: "Obedeca á lei" — é corruptor nos olhos do filosofo. Mas, quem quer que aconselhe: "Obedeca á sua conciencia" — é corruptor nos olhos do povo e dos magistrados". (Han Ryner — "Les véritables entretiens de Socrate").

É, a proposito da liberdade da imprensa, lembremo-nos ainda de Sócrates: "Parece-me bem insignificante a coragem que acha temíveis certas verdades".

Que será preciso para ser politico ou servir a amigos politicos?

Ouvir, observar, acatar, obedecer, curvar-se ante os paredões da politica, louvar ao povo, cantar a soberania do povo, promover ilherdades e... fazer ginastica.

Cada um de nós só tem o direito de governar a si mesmo.

Ninguém pode exigir da conciencia de outrem.

Os homens ne esqueceram da propria realização interior — para cuidar de todas as necessidades, perfeitamente desnecessarias, criadas pela cupidiz do capitalismo voraz e pela perversidade inominavel do industrialismo de tudo, inclusive das conciencia, — organização social de castas e de templos do sentimento humano, manilha pela politica, pelo capital, pelas religioes dominantes, que separam os humanos em vez de os unir, e pela força armada — escola de chacina para formar almas de canibais condecorados.

Cada um de nós tem o seu governo interior: tudo o que vem de fóra, não constituindo uma nota de beleza, de harmonia vibrando em unisono com a nosa harmonia — é violencia que gera a violencia — odio que gera o odio. Mandar, como obedecer, é covardia; degrada, avilta, imbeciliza o genero humano.

MARIA LACERDA DE MOURA.

Um bom conselho

Nada de alterações nem de personalismo. Ouvi os argumentos

socialismo. Ouvi os argumentos contrarios depois de terdes exposto os vossos; sabel calar-vos e refletir, não trateis de ter razão em detrimento de vossa sinceridade.

ELISRU RECLUS



SO' QUEM TRABALHAR TERA' DIREITO AO SEU LOGAR A' ME

## Congresso Nacional de Sociologia

Como a imprensa diaria tinha noticiado, realizou-se o Congresso de Sociologia promovido por um grupo de cidadãos que julgaram isso conveniente e que convidaram o publico a comparecer ás suas sessões.

As duas realizadas aconreu grande numero de curiosos entre os quaes se encontravam largamente representados elementos populares e revolucionarios avancados, todos de fato interessados em acompanhar os debates e apreciar as teorias expostas, as resoluções a tomar, o caminho a seguir, com o intuito evidente do se esclarecerem e de galardoarem com seus aplausos aquilo e aqueles que pelo rano da sua intelligência, pela profundidade do seu estudo, pela attenção da sua concepção o merecessem.

Sucedeu, porém, uma decepção tremenda. Pelos discursos dos oradores e pela leitura o doutrinações, a assistência percebeu claramente, instantaneamente, que se

tratava de doutrina puramente cista, rnarvivamente aviltado, e nallismo particularista e natly Jacobinismo feroz; e começou a apartos entre os assistentes e oradores.

A mesa que prosidia, pedia ma. Os oradores procuravam explicações que provocavam l apartes, que levantavam nove repetidos protestos, surgindo muracões de todos os cantos probracões de todos os sector presentes, até que na 2.ª sessão mesa que prosidia, abandonou roção dos trabalhos, com exde um de seus membros que manteve firme até ao fim, p rando que a discussão continu concordando com que toda ideologias se manifestassem, este um gesto de grande corag elegancia moral e intelectual muito honra e dignifica a p que o praticou.

Convém frizar que os traadores revolucionarios lá preapenar da mordacidade o da omencia de seus apatos, o p tos contra as ideias anacroni epandidas de facismo, de m quisimo e de jesuitismo, atar as ideias mas respeitaram as soas.

O mesmo não aconteceu co seus impugnadores que chegar abandonar a mesa e a sala, voltarem depois, mais animad profierem improprios cont que não tinham engulido as teorias de oréis murcha e i co calado. Foi assim que um subindo ao palco, berrou este camente:

"Canalhas, desgraçados, transeiros, ide para a vossa te B como si lá não estivessem tos brasileiros.

Pouco antes, quando um o revolucionario falava, um dos cistas interrompeu-o por falta de gancia moral. Daí á pouco, p o correligionario que proferiu frases citadas acima, mostrou a elegancia moral dos facista. De resto, a coisa não tem li tancia de maior, nem era caso pa levantar tanta celestia. Os ce' homens discutem, infelismo quasi sempre ha contendas, acordos, pontos de vista diver Haja vista os parlamentos de t o mundo, onde não raro os par

### Centro de Cultura Social

#### CONFERENCIA

O Centro de Cultura Social, prossequindo na sua obra de esclarecimento e propaganda dos multiplos aspetos das modernas correntes e filosofias que agitam todas as camadas sociais, promovem para amanhã, ás 20 e meia horas, uma conferencia, tendo para esse fim, convidado o sr. Menelique Bispo, que abordará em sua palestra: "O que é Cultura Social?". São convidados todos os

po em arco e a alma em cameleão que é capaz de identificar-se com o molusco.

Como deve ser difícil engulir a liberdade de opinião, a liberdade de conciencia, a liberdade da imprensa, a coragem de proclamar alto as convicções — si fazemos

São convidados todos os que se interessam pela cultura.

lancia de maior, nem era caso pa levantar tanta celestia. Os ce' homens discutem, infelismo quasi sempre ha contendas, acordos, pontos de vista diver Haja vista os parlamentos de t o mundo, onde não raro os par